

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

Desia Sinhorinha Cabral de Souza

O MITO GETÚLIO VARGAS:
O ENFOQUE DO JORNAL TRIBUNA DA IMPRENSA

JUIZ DE FORA
2005

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

DESIA SINHORINHA CABRAL DE SOUZA

O MITO GETÚLIO VARGAS:
O ENFOQUE DO JORNAL TRIBUNA DA IMPRENSA

Monografia apresentada pela
discente Desia Senhorinha Cabral de
Souza à disciplina Projeto
Experimental II da Faculdade de
Comunicação Social na Universidade
Federal de Juiz de Fora.
Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto
Figueira Leal

JUIZ DE FORA
2005

DESIA SINHORINHA CABRAL DE SOUZA

O MITO GETÚLIO VARGAS:

O ENFOQUE DO JORNAL TRIBUNA DA IMPRENSA

Projeto Experimental submetido ao corpo docente da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos necessários à obtenção do bacharelado em Comunicação Social.

Data da defesa: 18/01/2005

Prof. Doutor José Luiz Ribeiro -
Relator

Prof. Doutor Gabriel Collares Barbosa -
Convidado

Prof. Doutor Paulo Roberto Figueira Leal -
Orientador

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais e irmãos, por compreenderem a falta de tempo para os almoços de domingo, e por me apoiarem nos momentos de stress. O apoio e incentivo de vocês sempre foram fundamentais na minha vida. Amo vocês.

Ao meu namorado Anderson, por me ajudar a administrar o pouco tempo, que se resumia nas corridas horas de almoço, transformadas em uma fuga rápida até à biblioteca em busca de mais livros ou referências perdidas. Valeu por todas as caronas e toda paciência. Te amo.

Ao Nilson, Cidinha e Léa, companheiros de trabalho, por entenderem os atrasos e concederem alguns dias de viagem ao Rio de Janeiro, durante o tempo de realização das pesquisas.

Aos meus amigos, em especial à Patrícia Lacerda, companheira de profissão, por todas as dicas.

À Deus, por ter me dado saúde e, principalmente, disposição para enfrentar todos os obstáculos. Por me fazer chegar ao fim com uma deliciosa sensação de alívio e a certeza de que tudo valeu a pena.

Ao Caetano e Cazuza, cujo talento musical me fizeram companhia durante as madrugadas.

AGRADECIMENTO

Ao professor Paulo Roberto Figueira Leal que, com sua sabedoria e experiência, muito contribuiu para o resultado final deste trabalho. Muito obrigada pelo interesse, pela preocupação e pela receptividade.

Considerando que a faculdade não é feita apenas de monografias, aproveito a oportunidade para agradecer aos professores pelo aprendizado e por promoverem cada vez mais o meu interesse no jornalismo: a profissão que escolhi e amo.

Meu agradecimento especial ao professor Márcio Guerra, por ter me ensinado os primeiros passos de minha carreira, e à professora Jakeline Souza, pelo empenho e dedicação.

"Onde o Diabo joga damas com o destino, estás sempre aí, bruxo abusivo e zombeteiro, que revive em mim tantos enigmas".

(Carlos Drummond de Andrade)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 CONSTRUINDO O MITO	13
1.1 PRIMEIRO GOVERNO UMA SOLUÇÃO PARA A CRISE	14
1.2 O DIP E A CONTRIBUIÇÃO DA IMPRENSA NA AFIRMAÇÃO DA FIGURA DE GETÚLIO	21
1.3 O PODER DA RETÓRICA COMO FATOR CHAVE PARA A CONSTRUÇÃO DE MITOS	33
2 A VOLTA DE GETÚLIO PELOS BRAÇOS DO POVO COMO PROVA DE CONSOLIDAÇÃO DE SEU MITO	39
2.1 A CONTRIBUIÇÃO DA IMPRENSA NO SEGUNDO GOVERNO DE VARGAS – O CASO DO JORNAL ÚLTIMA HORA	48
2.2 CARLOS LACERDA E A TRIBUNA DA IMPRENSA – UMA TENTATIVA DE DESTRUIR GETÚLIO	55
3 O ATENTADO DA RUA TONELEIRO: UMA POSSÍVEL DECADÊNCIA DO MITO?	64
3.1 A COBERTURA DO JORNAL TRIBUNA DA IMPRENSA ENTRE OS DIAS 05 E 25 DE AGOSTO DE 1954	71
3.2 – A HIPÓTESE DA <i>AGENDA SETTING</i> E O JORNALISMO DE CARLOS LACERDA	92
CONCLUSÃO	98
BIBLIGRAFIA	102
ANEXOS	106

INTRODUÇÃO

Vinte e quatro de agosto de 2004. Nas manchetes dos jornais, as olimpíadas de Atenas dividem espaço com cadernos especiais sobre Getúlio Vargas. Há exatos 50 anos, o presidente que durante mais tempo governou o Brasil terminaria sua trajetória de vida com um tiro no peito.

Mais do que nome de ruas, avenidas e fundações, Getúlio exerceu um papel diferenciado na história brasileira. De uma maneira geral, Getúlio e JK foram os presidentes de maior destaque na história do Brasil e, por isso, não se perderam nos livros do passado, limitando-se ao semi-anonimato.

Getúlio Vargas é um mito nacional. Ao se discutir temas atuais como a flexibilização das leis trabalhistas ou o papel do Estado como agente direto do desenvolvimento econômico, é importante saber que esses debates têm na figura de Getúlio Vargas um dos personagens centrais.

Ao se falar em trabalho, lembra-se da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT). O Estado investidor remete-se à Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). Temas atuais, mas com origem nos quase 20 anos de governo de Getúlio.

Por ter liderado a arrancada industrial, derrubado uma arcaica oligarquia rural e ter inserido o Brasil no século XX,

Getúlio, um presidente inovador, conseguiu consolidar sua imagem como um mito na história política do Brasil.

Em seu primeiro governo, além de ter industrializado o país e criado benefícios para a classe trabalhadora, Getúlio foi, ao longo de 15 anos, o "Pai dos Pobres", a "Mãe dos Ricos" e um duro ditador que, através da violenta polícia de Filinto Müller, calava a voz de quem ousava ir contra o seu governo.

A propaganda, como será visto, foi uma das principais armas para a consolidação de sua imagem, pregada por todos os cantos do país: nas escolas, nas repartições públicas, nas fábricas e na vida cultural.

Para reforçar suas ações, Getúlio também utilizou uma grande arma para os líderes de massa: o discurso político. A imagem carismática, aliada aos feitos e à capacidade de se aproximar de seu povo, fez de Vargas um grande líder - amado e odiado, mas um grande líder.

Tão difícil de derrubar que, mesmo depois de deposto, Getúlio retorna ao poder por via democrática. É a expressão maior da força do mito, já que demonstra a vontade do povo, que coroou a rápida campanha de Getúlio com uma votação consagradora.

O trabalho objetiva destacar a importância que a imprensa exerceu neste segundo governo de Vargas, em especial os jornais *Última Hora* e *Tribuna da Imprensa*. O primeiro, acusado de ser financiado pelo próprio governo, de cunho explicitamente

getulista. O segundo, sob a liderança de Carlos Lacerda, o demolidor de presidentes e principal opositor ao governo Vargas.

Nesta fase, a imprensa sofreu muitas mudanças, em especial, graças à colaboração de Samuel Wainer, da *Última Hora*, que revolucionou a maneira de fazer jornalismo, tanto em termos de diagramação e projeção popular, quanto em termos de política salarial.

O trabalho focará a contribuição que *Última Hora* e *Tribuna da Imprensa* deram à imagem de Getúlio, tanto no sentido de construção quanto de desconstrução de seu mito.

O jornalismo opositor dos anos 50, exercido por Carlos Lacerda e seu jornal *Tribuna da Imprensa*, está descrito nas páginas deste trabalho com base na cobertura dos fatos que ocorreram no espaço de tempo entre o atentado da Rua Tonelero e o suicídio de Vargas.

O atentado deu mais força à oposição, que desenvolveu um jornalismo repleto de denúncias (algumas difamações e outras baseadas em investigações). Dotado de audácia e poderosa oratória, Lacerda, ao mesmo tempo em que promovia forte comoção popular, buscava promover a deposição de Getúlio Vargas.

Todos os desdobramentos que giraram em torno deste período não culminaram com a deposição, mas sim com o suicídio de

Getúlio Vargas, que mudou a história e o cenário político da época.

A grande questão deste trabalho é: qual foi a colaboração da imprensa na afirmação da imagem de Vargas? Até que ponto ela trabalhou para manter e derrubar o mito de Vargas? Em linhas gerais, qual a contribuição da imprensa para o desfecho do caso Vargas?

E, como um mito não nasce de uma dia para o outro, este trabalho também se concentra na função de mostrar esse longo processo de consolidação da figura de Vargas no cenário político brasileiro.

Para tanto, o capítulo 1 discutirá o processo de construção do mito de Getúlio, que envolve tanto as realizações do primeiro governo (1930-1945), quanto o forte esquema de propaganda e repressão política de Vargas. Juntos, esses dois itens ajudaram a promover o mito Getúlio.

Como fator de colaboração na construção do mito, o discurso também é discutido. Neste ponto, o trabalho analisa como a oratória e o discurso político são determinantes no processo de manipulação das massas e, conseqüentemente, na aceitação de idéias do líder/ditador.

O capítulo 2 discutirá o processo de consagração do mito de Getúlio, fortemente expressado em sua volta ao governo "pelos braços do povo", nas eleições de 1950. Nesta fase, o

trabalho também apresenta o momento político que Vargas enfrentou: atacado pela imprensa e odiado por parlamentares e militares o presidente passou por dificuldades não encontradas anteriormente.

O capítulo também discute a importância e função dos jornais *Última Hora* e *Tribuna da Imprensa* no governo Vargas. Enquanto Wainer se esforçava para manter a imagem de Getúlio, Lacerda, com seu jornalismo oposicionista, tentava de todas as formas desconstruir o mito.

O terceiro capítulo fala sobre um momento de crise na imagem de Getúlio Vargas. O atentado da rua Tonelero, no qual Getúlio Vargas foi apontado como suspeito de ser mandante do crime, a oposição ganha força e passa a trabalhar pesado na desconstrução de Getúlio. O desfecho da história é o suicídio de Vargas.

1. CONSTRUINDO O MITO

Getúlio Dornelles Vargas nasceu no dia 19 de abril de 1882, em São Borja, no Rio Grande do Sul. Com o sonho de ser militar, Vargas entrou para a Escola Preparatória e de Tática, onde ficou pouco tempo: solidarizou-se com os colegas que se rebelaram contra um oficial prepotente e foi rebaixado a soldado. Decidiu abandonar os quartéis e foi estudar Direito.

Mas o futuro líder do país não tinha a mínima vocação pela profissão que escolheu. Formado em 1907, atuou como um promotor sem vocação para acusar e, mais tarde, como um advogado sem aptidão para o tribunal.

Na verdade, era a política que lhe corria pelas veias. Gusmão (2004:p.11) descreve o perfil de Vargas:

"A elas [características] somava o gosto pela política, a disciplina individualista, a sedução ao pé do ouvido, a discricção e, com ela, o mutismo de quem achava que Deus nos deu uma boca e dois ouvidos para ouvirmos o dobro do que falamos. Só era tagarela para perguntar: encurralava o interlocutor com um interrogatório em que demonstrava muito interesse pela pessoa e por suas idéias, e o entrevistado saía da sala sem saber o que ele pensava".

Antes de ser presidente, foi deputado federal e estadual, Ministro da Fazenda e governador do Rio Grande do Sul. A candidatura para a presidência surgiu em 1930, quando se apresentou com João Pessoa, presidente da Paraíba, como vice. Começa aí a grande aventura.

1.1 - PRIMEIRO GOVERNO - UMA SOLUÇÃO PARA A CRISE

Outubro de 1929. O *crack* da Bolsa de Valores de Nova York causa um profundo desequilíbrio econômico e político no panorama internacional. O mercado mundial começa a se desorganizar, as cotações dos produtos oscilam rapidamente e sucessivas falências desorganizam as economias mais prósperas.

No mercado mundial, com inequívocos reflexos sobre o Brasil, a cotação do café (então o principal produto de exportação do país) despencou. A queda no preço deixou quase sem valor os enormes estoques, acumulados em função da política de defesa do produto. Além das elites agrárias, também outras classes sociais se viram em situação preocupante, devido às crescentes carestias e taxa de desemprego.

É sob este pano de fundo de crise econômica que o Brasil assiste a um período de forte agitação social, com constantes eclosões de greve e demonstrações públicas de insatisfação com as instituições políticas. A república velha, depois de mais de três décadas marcadas pelo domínio de paulistas e mineiros, começava a desmoronar.

Neste contexto, Getúlio Vargas (estancieiro gaúcho, ex-presidente do Estado do Rio Grande do Sul) inicia sua longa jornada como líder nacional. Saído dos pampas como uma das principais lideranças de oposição ao regime, Getúlio se

transforma em referência do movimento revolucionário de 1930.

Apresentando-se como alternativa para a crise econômica, Getúlio participa, em 1929, da fundação da Aliança Liberal, que o lançou como candidato à presidência da República, nas eleições de 1º de abril de 1930. Segundo a ótica da política do "Café com leite", era a vez de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba subirem ao poder. Contudo, o então presidente Washington Luís, na intenção de manter São Paulo com o mais alto cargo da República, lançou Júlio Prestes como candidato. Embora a eleição tenha dado vitória a Prestes, ela não foi aceita passivamente. Tanto a denúncia de fraudes, quanto a quebra da tradição política da época foram fatores decisivos para a rejeição.

No dia 26 de julho de 1930, o assassinato de João Pessoa, que era presidente da Paraíba e vice de Getúlio, acendeu o estopim para a revolta popular, criando condições para a Revolução de 30. Embora Getúlio Vargas tenha tentado isentar Washington Luís da responsabilidade pelo crime, o anseio revolucionário se espalhava violentamente pela Paraíba.

A progressão da revolta atingiu seu ápice quando o corpo de João Pessoa chegou ao Rio de Janeiro, em 07 de agosto de 1930. No Rio e em Porto Alegre, jornais governistas foram atacados e depredados pela multidão. Mesmo diante deste cenário, Washington Luís teimava em resistir. Ele chegou a convocar

reservistas para reforçar o Exército e enfrentar a "revolução", mas os militares já estavam decididos a evitar um banho de sangue. No dia 24 de outubro, o general Tasso Fragoso - que seria o chefe da Junta que governou o Brasil até a chegada de Getúlio - conduziu o presidente deposto até o Forte de Copacabana, onde permaneceu até o exílio para a França.

No último dia do mês de outubro, Getúlio Vargas chegou de Porto Alegre e teve recepção apoteótica no Rio de Janeiro. Em 3 de novembro ele recebeu, das mãos do General Tasso Fragoso, a chefia do governo brasileiro. Começa aí a primeira fase do primeiro governo de Vargas: a revolucionária ou Governo provisório.

Na nova fase não havia Constituição, mas a promessa de convocação de uma assembléia constituinte para dar nova Carta Magna ao país. Como Getúlio não demonstrou pressa em cumpri-la, isso quase levou o país a uma guerra civil em seus primeiros anos no poder.

Em 1932, eclodiu a "Revolução Constitucionalista" que, embora não tenha conseguido sair de São Paulo, fez Getúlio perceber a necessidade de legitimar o novo regime, por meio de uma nova Constituição. A Assembléia Nacional Constituinte foi instalada em 15 de novembro de 1933 e, em 16 de julho de 1934, a Constituição foi promulgada. No dia seguinte, a mesma assembléia que redigira a Carta Magna elegia Getúlio presidente

constitucional do Brasil. O mandato foi outorgado por eleição indireta e valia até 1938, quando seu sucessor deveria emergir de eleições diretas. Getúlio, contudo, antecipou-se e desferiu o golpe de 1937, instaurando o Estado Novo, que só se encerraria em 1945. Em sua primeira passagem pelo poder, entre 1930 e 1945, Getúlio representou uma profunda ruptura com a história brasileira pregressa. O país nunca mais seria o mesmo - para o bem e para o mal.

A subdivisão do primeiro governo de Getúlio em três fases pode ser compreendida mais como uma ordenação, para efeito de estudo, do que como expressão do processo político. Desse ponto de vista, as duas primeiras fases podem ser consideradas preparatórias do Estado Novo.

Nestes primeiros 15 anos de poder, Getúlio Vargas teve importância crucial para o desenvolvimento do Brasil, o que o consagrou como um mito. Seu governo induziu mudanças concretas e efetivou a transição de uma sociedade agrário-rural para uma urbano-industrial.

Durante o Estado Novo, sobretudo, assistiu-se a um processo de mudanças em alguns setores que chegou a ser radical, mas, mesmo se considerados os grandes avanços do período, o processo sempre submeteu a participação das grandes massas populares a um rígido controle. Controle este conseguido através

do uso de forte esquema policial e repressor ou através de concessões paternalistas de caráter acentuadamente demagógico.

A Constituição organizadora do Estado Novo era bastante reveladora das suas características e intenções: um Estado forte que disporia de todos os recursos para impor-se ao país. Estes recursos representavam todos os mecanismos de repressão, coação e controle ideológico, por meio da propaganda, de um lado, e da censura, de outro.

Além de conter elementos da *Carta del Lavoro* e da Constituição fascista italiana, a Constituição de 1937 também era conhecida como *Polaca*, em alusão ao fato de ela ter sido moldada, em parte, à feição da Constituição fascista da Polônia. Estas influências sinalizavam a proximidade de Vargas com estes modelos nazi-fascistas, que representam os maiores exemplos de manipulação de massas do século passado.

No campo econômico, as ações de Getúlio criando alternativas para fugir da crise também ajudaram a consolidá-lo como mito. O primeiro passo para inverter a situação de crise mundial nos anos 30 e impor-se como fator de transformação social foi mudar o rumo econômico do país. E a saída para esta transformação foi investir no setor industrial. Com o crescimento deste setor, o Brasil foi mudando sua identidade tradicional e se introduzindo, com 30 anos de atraso, no século XX.

Para atingir e conquistar a crescente massa operária, Vargas atendeu a antigas reivindicações dos trabalhadores ao criar a legislação trabalhista e o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, em 1932. Descanso semanal remunerado, regulamentação da jornada de trabalho, regulamentação do trabalho das gestantes e dos menores, férias remuneradas, aposentadoria e salário mínimo passaram a ser direito daquela classe que, na República Velha, era muitas vezes considerada "caso de polícia".

Essas medidas foram instituídas por Vargas como uma dádiva do Estado e, com isso, o presidente aparece como o "Pai dos Pobres", que seria a base para a sua política populista. Suas simpatia e capacidade de conquistar o povo foram reconhecidas até pelos inimigos mais ferrenhos, como o jornalista Carlos Lacerda.

"Vargas atrasou a democracia, mas adiantou o Brasil socialmente. Um político realmente excepcional. Vargas descobriu, com a inspiração de um pioneiro, que o povo é o que há de mais importante em uma democracia."
(KOIFMAN, 2002:p.359)

O Estado Novo, também conhecido como Estado nacional, representou a emergência do nacionalismo brasileiro, que foi capaz de sensibilizar vastos setores da população urbana. Manifestações culturais, sobretudo aquelas que envolviam as grandes massas, como o futebol e o carnaval, se afirmaram na cultura brasileira dos anos 30.

O samba foi identificado como música do povo e foram exatamente os sambistas que mais chamaram a atenção para as

coisas brasileiras, quer exaltando as maravilhas do país, como Ari Barroso, em Aquarela do Brasil (1939), quer denunciando as distorções que a cultura brasileira sofria.

Foi ainda no Estado Novo que Getúlio criou algumas das empresas que viriam a ser ícones do nacionalismo brasileiro, como a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) - com financiamento dos Estados Unidos -, a Vale do Rio Doce e o Conselho Nacional do Petróleo, que pode ser considerado um embrião da Petrobrás, somente criada em seu segundo governo.

A vitória dos Aliados na 2ª Guerra Mundial e o conseqüente prestígio dos regimes democráticos e populares não possibilitaram que os aparelhos repressores do Estado Novo controlassem as manifestações em prol da redemocratização do país. Os setores da sociedade apontavam o contra-senso: ter lutado pela liberdade fora do país e não possuí-la no seu interior.

Nesta fase, a imprensa desempenhou papel importante, divulgando manifestações de grupos de estudantes, intelectuais e operários, bem como de personalidades políticas. O Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que foi criado para controlar e censurar qualquer manifestação contrária ao governo, àquela altura, já estava perdendo seu poder de controle sob a imprensa.

Para evitar a queda, Getúlio começou a fazer concessões, como anistiar os presos políticos, inclusive o líder

comunista Luís Carlos Prestes. Vargas provocou suspeitas nos setores militares mais conservadores, já que, para se manter no poder, começou a agradar a esquerda.

A nomeação de seu irmão, Benjamim Vargas, para a chefia da Polícia do Distrito Federal não agradou aos militares, que começaram a se articular contra Getúlio. O presidente tinha um ultimato: retirar a nomeação ou ser deposto pelo Exército.

Com a recusa da proposta apresentada pelos militares, o presidente recebeu a informação de que estava deposto. Getúlio desistiu de resistir e retirou-se para a sua cidade natal, São Borja, no Rio Grande do Sul.

A cena não representou, porém, o fim de Getúlio Vargas no poder. Sua estadia em São Borja foi apenas um período de reclusão. O político de várias facetas, herói para uns e vilão para outros, "pai dos pobres" e "mãe dos ricos", iria mostrar todo seu poder e sua força anos mais tarde, quando volta ao poder pelos braços do povo.

1.2 - O DIP E A CONTRIBUIÇÃO DA IMPRENSA NA AFIRMAÇÃO DA FIGURA DE GETÚLIO

A informação, transformada em notícia e veiculada de maneira pertinente, foi, ao longo da história, uma das principais armas para a afirmação de diversos regimes e ideologias. Joseph

Goebbels, nos anos 30, era categórico ao afirmar que "a notícia se constituía em uma grande arma de guerra". No livro *Mein Kampf*, Adolf Hitler sugeria:

"A verdade tem de ser adaptada para ajustar-se à necessidade e a propaganda é um meio utilizado para fazer alguém aceitar um princípio, uma teoria, uma doutrina através das emoções. Os propagandistas apelam não para a razão, mas sempre para a emoção e para o instinto. O objetivo da propaganda não é tentar julgar direitos conflitantes, dando a cada um o que merece, e sim salientar exclusivamente o que estamos defendendo". (KLÖCKNER, 2004: p.09).

Como parte da propaganda, a notícia seria influenciada por estes princípios em vários países do mundo, em especial nas épocas de conflito. Na Primeira Guerra, por exemplo, os Estados Unidos criaram o *Committee on Public Information*. Ligado diretamente à presidência, o órgão tinha o objetivo de vender a guerra aos norte-americanos, além de funcionar como serviço de censura: os jornalistas eram proibidos de fazer críticas à política governamental. O processo se repetiu, de forma mais branda, na Segunda Guerra e voltou nos conflitos mais recentes, como na intervenção dos *marines* na Ilha de Granada, em 1983; na Guerra do Vietnã (1962 - 1975); e nas Guerras do Golfo (1990-1991/2) e do Iraque (em curso).

Não só os EUA, mas também outros países, fundam organismos com o objetivo de fazer propaganda e controlar a informação, durante e depois da Primeira Guerra. Na França, o *Maison de la presse*; na Grã-Bretanha, o *Empire Marketing Board*;

na Alemanha, o Escritório de Notícias. Matérias em jornais, filmes-documentários, emissões radiofônicas intercontinentais e outras ações procuravam tornar públicos os atos do governo, atraindo, desta forma, a simpatia dos públicos interno e externo.

No Brasil da Era Vargas não foi diferente. A propaganda e o investimento pesado na imagem de Getúlio Vargas foram, sem dúvida, indispensáveis no processo de afirmação do mito Vargas. E para garantir sua afirmação, o presidente, assim como vários líderes mundiais, investiu pesado em propaganda.

O processo de "autodivulgação" teve início em 1931, quando foi criado o Departamento Oficial de Publicidade (DOP). Sua função era difundir os informes do governo por meio das rádios. Em 1934, o órgão foi substituído pelo Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC), que passou a ser subordinado ao Ministério da Justiça e chefiado pelo jornalista sergipano Lourival Fontes, um dos principais ideólogos do governo Vargas. O jornalista não escondia sua simpatia pelos regimes fascistas europeus e era conhecido no Brasil como "Goebbels tupiniquim", em referência explícita a Joseph Goebbels, ministro da Propaganda de Hitler.

Desde o início da era Vargas, a idéia de modernização estava diretamente ligada à ação repressiva. Em matéria publicada no jornal *Estado de Minas*, de 20 de agosto de 2004, o historiador Alcir Lenharo cita, na página 10, parte de um discurso, proferido

em 1931, pelo então Ministro do Trabalho, Lindolfo Collor: "Ou aceitam a ação do Ministério do Trabalho, que traz uma mentalidade nova, de corporação, ou se consideram dentro de uma questão de polícia".

O processo repressivo passou a ser mais relevante depois do golpe do Estado Novo. Naquela época, Vargas consolidou suas aspirações autoritárias, fechando o Congresso Nacional e outorgando nova Carta Constitucional que cerceava a liberdade de imprensa, atribuindo-lhe função de utilidade pública. A partir de então, Getúlio tornava o controle da opinião mais efetivo, sujeitando jornalistas, escritores e artistas no papel de porta-vozes do regime.

No primeiro ano do Estado Novo, o DPDC foi transformado em Departamento Nacional de Propaganda (DNP), assumindo a incumbência de controlar e censurar todos os meios de comunicação do país. Mas esse era apenas um projeto inicial: foi em 1939, com a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que Getúlio Vargas pôde pôr em prática todo seu poder de censura e manipulação.

O DIP tinha a função de cuidar de toda a publicidade e propaganda dos órgãos do governo e da administração pública federal, assim como de suas autarquias. Além de fazer propaganda do governo, o departamento também perpetuava a auto-imagem de Vargas e de seu projeto político.

Por todas as suas funções e formas de atuação, o DIP pode ser considerado a antítese do livre pensamento e da livre expressão, já que moldava a cultura brasileira aos propósitos do Estado Novo. E o ideário desta ditadura também era difundido junto às repartições públicas, por meio da distribuição de retratos oficiais do presidente, que deveriam ser fixados em locais visíveis.

O DIP também atingiu as escolas. Eram distribuídas cartilhas cívicas aos estudantes, nas quais a História do Brasil era contada de forma enviesada e a figura de Vargas era pintada como a de um redentor. Devido às cartilhas, o DIP transformou o aniversário de Vargas em efeméride escolar, de maneira que, em centenas de escolas espalhadas pelo Brasil, milhares de crianças rendiam homenagens ao presidente, no dia 19 de abril.

Já no controle da opinião pública, o DIP agia de forma efetiva. Em 1942, por exemplo, foi proibida a veiculação de 108 programas de rádio e quase 400 músicas, fosse pelo conteúdo considerado nocivo aos interesses da pátria, fosse por letras de moral dita questionável, sobretudo as marchas de carnaval.

Para melhor cumprir o seu papel de censor e propagador do regime, a estrutura do DIP era dividida em cinco partes: a Divisão de Radiodifusão, responsável pelos programas de rádio; a Divisão de Imprensa, que controlava jornais, revistas e livros; a Divisão de Cinema e Teatro, que não só controlava estes meios,

mas também dava incentivo a produções voltadas para a exaltação do regime; a Divisão de Turismo, que buscava enaltecer as belezas naturais do país; e a Divisão de Divulgação, responsável pelas publicações oficiais e por controlar e veicular discursos governistas.

Vargas investiu pesadamente em propaganda e, somando seus méritos pessoais, conseguiu afirmar-se como mito junto à sociedade brasileira. A estrutura do DIP consumia grandes quantias e contava com um imenso aparato estatal. Em alguns períodos, por exemplo, o DIP chegou a ser responsável por 60% dos artigos publicados por todo o país. Decca (2004:p.20) faz uma comparação entre Vargas e outros líderes mundiais.

"A bem da verdade, Vargas, apesar de todas as expectativas positivas e negativas, não se constituiu em um líder de massas que pudesse ser comparado a Hitler ou Mussolini (...) Ficou conhecido mais pelo seu personalismo e sua admirável capacidade de manipular os adversários do que por aquele traço mais característico dos líderes de massa do fascismo. Não se formou nas fileiras de um partido político de massas e sua popularidade foi conquistada por meio da manipulação dos instrumentos de propaganda que ele próprio criou junto ao aparelho do Estado."

Segundo Decca, a ascensão de líderes como Hitler e Mussolini está estreitamente ligada às aspirações e expectativas das massas em um momento histórico em que a sociedade moderna viveu uma enorme crise de identidade e de confiança no futuro. Estes líderes entraram em cena quando as massas já estavam praticamente jogadas na "vala da pobreza e da miséria" e tinham a intenção de substituir as elites que viraram as costas para o povo.

Desta forma, já em meados da década de 20, muito antes de eclodir a Segunda Guerra Mundial, líderes de massa como Hitler e Mussolini já estavam em plena ascensão na Alemanha e na Itália. Ao contrário de Vargas, que utilizou a autodivulgação de seus feitos para a afirmação de sua imagem, estes líderes, inicialmente, utilizaram-se da denúncia da corrupção burguesa como uma de suas formas de propagandas mais poderosas.

A criação do DIP foi a forma mais efetiva de personificar a imagem de Vargas por todos os cantos do país. Nas escolas, nas ruas, nas repartições públicas, em todo lugar o presidente se mostrava como o homem que não deixou o Brasil se afundar nos efeitos da crise de 1929.

Em 1938, Vargas se utiliza do mais importante meio de comunicação do país na época para divulgar todas as realizações de seu governo. Além de fazer essa divulgação, o programa "Hora do Brasil", com transmissão obrigatória em todas as emissoras de rádio instaladas em território nacional, também divulgava programas em que a cultura brasileira e o civismo eram exaltados. Além disso, o programa também abria espaço para a divulgação de comunicados oficiais e campanhas governamentais.

O ministro do trabalho da época, Alexandre Marcondes Filho, utilizou o "Hora do Brasil" para dar palestras semanais, entre 1942 e 1945, nas quais divulgava as inovações trabalhistas de sua gestão. Em 1951, o programa passou a se chamar "A Voz do Brasil" e é o mais antigo em transmissão em todo o país.

A comemoração do 1º de maio pode ser considerada um dos exemplos mais emblemáticos do projeto cívico engendrado por Vargas. Com a ajuda de Lourival Fontes e do DIP, o presidente conseguiu fazer da data uma efeméride cívica nacional, já que era uma ocasião em que o "pai dos pobres" se dirigia aos filhos.

Em 1939, no estádio São Januário - na época, o maior do Rio -, Vargas celebrou sua primeira comemoração oficial do "Dia do Trabalho", reunindo milhares de pessoas naquela que se consolidaria a marca de seu governo. Ao iniciar seu discurso, Vargas se dirigia à grande massa com o bordão "Trabalhadores do Brasil" e anunciava as benesses que reservava aos seus diletos filhos.

A partir de 1944, a comemoração foi transferida para o estádio do Pacaembu, em São Paulo. Dessa forma, seguindo os exemplos de líderes totalitários europeus, Getúlio Vargas promove uma apropriação da data, conferindo-lhe um caráter oficial muito próximo, porém, do original: tanto quanto o Dia do Trabalho, Vargas também representou um símbolo de resistência ao capitalismo burguês para os trabalhadores brasileiros.

Se de um lado Getúlio Vargas apresentava-se como um herói para os trabalhadores, de outro, sua ditadura era um verdadeiro capataz para a imprensa da época. Em todas as redações dos jornais, a figura do censor do DIP imperava e as matérias tinham que passar por sua leitura antes de serem publicadas. Em algumas publicações o controle era mais efetivo, como foi o caso do jornal *O Estado de São Paulo*, que em março de 1940 foi invadido pela polícia, permanecendo sob intervenção dos censores até o fim do Estado Novo. Também nesta época, jornais como *A*

Noite e *A Manhã* chegaram a ser encampados pelo governo, transformando-se em fantoches do regime.

Além do caso do jornal *O Estado de São Paulo*, outro fator conhecido, embora menos citado, é a violência policial em presídios como o de Ilha Grande, contada em *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos. Entre 1930 e 1945, a ditadura de Vargas prendeu cerca de 10 mil pessoas por razões políticas. Em matéria publicada no jornal *Estado de Minas*, do dia 20 de agosto de 2004, a historiadora Elizabeth Cancelli faz uma comparação entre o Estado Novo e o governo democrático de Vargas. Para ela, o atentado da Rua Tonelero, planejado contra o jornalista Carlos Lacerda por Gregório Fortunato e outros próximos a Vargas, representou uma extensão das práticas ditatoriais em pleno governo democrático.

Dentre os vários intelectuais brasileiros que foram levados ao cárcere graças à ação censória do DIP de Lourival Fontes e à truculência da polícia de Filinto Müller podem ser citados o escritor Monteiro Lobato (preso de março a julho de 1941, por criticar o Conselho Nacional do Petróleo); Jorge Amado (que, após ter seus livros tirados de circulação, sofreu seguidas prisões até exilar-se no Uruguai e na Argentina); Carlos Drummond de Andrade (que, em seu livro *A Rosa do Povo*, de 1945, se referiu da seguinte forma ao regime: "*Em verdade temos medo. (...) Cheiramos flores de medo. Vestimos panos de medo*").

Este clima de prisões e medos que marcava a época certamente pode ter contribuído para a afirmação da figura do presidente, se considerarmos que muitos profissionais da mídia se autocensuravam temendo as repressões. Analisando outro período da história do Brasil, o autor Kucinski (1998:p.51) defende a tese de que a autocensura também determinou o padrão de controle da informação durante os 15 anos da ditadura militar, iniciada em 1964.

Kucinski define a autocensura como uma forma de iludir o leitor, privando-o de dados relevantes e, desta forma, escondendo a verdade. O autor afirma que esta prática pode ter gerado uma cultura jornalística na qual se destacam a compulsão à unanimidade, o simulacro e o desprezo pela verdade nos momentos críticos ao processo de criação do consenso.

A prática de "esconder a verdade" é comum nos regimes totalitários, e com Vargas não foi diferente, se considerarmos que a censura no Estado Novo centrava-se não só no aspecto moral, mas, sobretudo, no teor político das matérias. O DIP não permitia, por exemplo, que fossem publicadas matérias ou fotografias sobre Moscou, devido ao anticomunismo exercido durante o regime.

Além da censura direta e das sugestões de pauta, o DIP também exercia forte controle econômico sobre os veículos, já que, desde 1940, passara a administrar a verba publicitária de

importantes órgãos públicos, como o Banco do Brasil. Esta verba era distribuída em forma de anúncios em jornais e revistas simpáticos ao regime.

Uma alternativa a mais para o fortalecimento e exaltação do regime foi a ênfase em publicações lançadas pelo próprio DIP. A de maior destaque foi *Cultura Política - Revista Mensal de Estudos Brasileiros*, com colaboradores como Gilberto Freyre, Graciliano Ramos e Nelson Werneck Sodré. O veículo promovia reflexões sobre temas da brasilidade.

Além da efetiva atua o em revistas e jornais, o DIP também interferiu no cinema. Para isso, o  rgo de controle possuía a Divisão de Cinema e Teatro, que era responsável por revisar os conteúdos dos espetáculos e películas exibidos no Brasil, bem como estimular os projetos de interesse do governo.

O cinema, com sua crescente popularidade em fins da década de 30, foi alvo de aten o especial do DIP. O governo passou a investir na produ o de cinejornais, cuja exibi o era obrigatória antes do filme principal. Tratava-se de exibir pequenos filmes de caráter jornalístico, com temas girando em torno do culto   imagem de Vargas, ou da divulga o das grandezas do Brasil e de sua gente.

Os pequenos filmes também divulgavam os feitos do governo e, muitas vezes, focavam a vida de Getúlio em família, na tentativa de aproximar seu cotidiano ao do povo. Outras vezes, as

exibições ficavam por conta da divulgação das obras filantrópicas da primeira dama, Darcy Vargas.

O DIP pagava altos salários e contava com o trabalho de diversos diretores e fotógrafos, como o francês Jean Manzon, recém chegado ao Brasil. Entre 1940 e 1945 foram exibidos em média 90 cinejornais oficiais por ano. A maioria das aparições públicas de Vargas era filmada: elas funcionavam como uma maneira de promover a empatia das massas com seu líder, a todos que pudessem assistir aos filmes.

Com atuação em rádios, jornais, revistas, teatros e cinemas, o DIP foi, sem dúvida, uma das principais armas para afirmar e personificar o mito Getúlio Vargas. Pode-se destacar o órgão de controle como forma efetiva na manipulação das massas e no controle a opinião pública. Tanto é verdade que, mesmo com o fim do Estado Novo e até os dias de hoje, a figura de Getúlio Vargas continua na memória de cada brasileiro, como um dos presidentes mais importantes que o Brasil já teve.

1.3 - O PODER DA RETÓRICA COMO FATOR CHAVE PARA A CONSTRUÇÃO DE MITOS

Ao se falar em construção de mitos, não se pode esquecer de apontar a importância do discurso político neste processo. Com a era Vargas, o Brasil do século XX inseriu-se na onda de manifestações coletivas de massa, conduzidas por líderes

autoritários e carismáticos. Isso porque, como já foi dito anteriormente, povos de várias partes do mundo pareciam precisar apegar-se a figuras fortes, que surgiam como redentores para salvá-los tanto dos efeitos da Depressão de 29, quanto dos das Primeira e, mais tarde, Segunda Grande Guerra.

A retórica, definida por Aristóteles como "a arte de persuadir através da palavra falada", é um dos principais instrumentos que um líder político deve ter. Getúlio sabia disso e, durante seus governos, notabilizou-se pelos discursos impactantes e quase sempre estruturados para agradar o público ao qual se dirigia. Durante muito tempo sustentado por forças políticas antagônicas (como o conservador PSD e o trabalhista PTB), a capacidade de adaptar discursos foi crucial para que Getúlio equilibrasse e acomodasse apoios divergentes.

Exemplos da necessidade de o orador perceber como se tornará persuasivo são recorrentes. Ainda na Antigüidade, Demóstenes, que viveu em 384 A.C. e é considerado o maior orador daquela era, teve que adaptar seu discurso para obter sucesso. Formado em leis, perdia-se em períodos longos e prolixos. Seu desempenho só melhorou quando aprendeu com Sátiro que a ação dá mais força e expressão à linguagem. A partir daí, começou a ensaiar a voz e os gestos, tornando-se um grande orador.

Como Demóstenes, todo orador/líder que quer que suas idéias sejam aceitas e seguidas deve ter a constante preocupação

em atingir seu público e em chamar sua atenção. Penteado (1980: p.18) afirma, em seu estudo sobre a Psicologia da Atenção, que, embora o homem esteja sempre atento, ele se concentra em certas coisas em detrimento de outras. O autor considera que os quatro estímulos principais para que um orador obtenha a atenção de seu público são: intensidade, repetição, modificação e contraste.

O discurso, contudo, sempre é também um instrumento que comunica outros elementos (conscientes ou não) além daquilo que é dito. Ou seja, a partir das escolhas discursivas é possível avaliar a formação - inclusive ideológica - de quem fala. Fiorin (1997: p.18 e 19) destaca essa combinação de estratégias (conscientes) e determinações (por vezes inconscientes):

“A sintaxe discursiva é o campo da manipulação consciente. Neste, o falante lança mão de estratégias argumentativas (...) para criar efeitos de sentido de verdade ou de realidade com vistas a convencer seu interlocutor.(...) O campo das determinações inconscientes é a semântica discursiva, pois o conjunto de elementos semânticos habitualmente usado nos discursos de uma dada época constitui a maneira de ver o mundo numa dada formação social. (...) Esses elementos semânticos, assimilados por cada homem ao longo de sua educação, constituem a consciência e, por conseguinte, sua maneira de pensar o mundo.”

Conscientemente e dotado de técnicas discursivas e argumentativas, o falante convence seu interlocutor que, inconscientemente, absorve o discurso, tornando-o parte de seu pensamento e de sua maneira de ver o mundo.

Portanto, a formação de mitos na história da humanidade se deve não só ao poder de retórica destes personagens, mas

também à capacidade que eles tiveram de sintetizar arquétipos e se adaptarem às específicas situações vivenciadas pela sociedade, que, em momentos de crise, pode estar mais apta a absorver e aceitar as idéias que lhe são passadas.

Além de Getúlio Vargas, nosso objeto de estudo, e de Hitler e Mussolini, já citados neste trabalho, podemos destacar outros nomes que também fizeram diferença em distintos países e épocas: Otto Von Bismarck, que unificou a Alemanha, em 1862, sob a liderança prussiana, garantindo esta unidade até 1945; o norte americano Franklin Roosevelt, criador do *New Deal*- plano econômico para vencer a Grande Depressão; o mexicano Lázaro Cárdenas, que impulsionou a economia e as reformas sociais de seu país, entre 1934 e 1940; e o coreano Park Chung Hee, que entre 1961 e 1979 alfabetizou um país analfabeto, transformando-o em um país desenvolvido.

Uma das maneiras mais efetivas de garantir a percepção pública da importância destes líderes é a divulgação de seus feitos, como já foi analisado na discussão sobre o DIP. Ao estudar o conceito de mito político, o autor Miguel (1998: p.637) considera que, contemporaneamente, as mensagens publicitárias - inclusive as eleitorais - são produtoras de mitos por excelência. E, de acordo com esta perspectiva, os elementos míticos identificáveis no discurso político seriam vinculados à moldura publicitária deste discurso. Desta forma, a publicidade sem

cessar, vinculada ao discurso, desempenha papel fundamental na moldagem de uma mentalidade coletiva. Contemporaneamente, tal perspectiva torna-se cada vez mais presente nas disputas eleitorais de todo o mundo, reforçando a aproximação entre discurso político e lógica publicitária, via marketing eleitoral.

O autor também destaca a comemoração de grandes datas como um fator importante na manutenção dos mitos políticos. Quando Vargas comemorava o Dia do Trabalho, se dirigindo à grande massa com o bordão "Trabalhadores do meu Brasil" e discursando sobre os benefícios oferecidos a esta classe, ele estava renovando um rito político, com o objetivo de manter sua forte figura para seu povo. Como já foi estudado, não só o 1º de maio, mas também o aniversário do próprio Vargas era comemorado com discurso e passeatas, sendo considerado data de grande importância nacional.

Miguel (1998: p.641), citando o antropólogo polonês Malinowski, resume a função do mito como sendo o fortalecedor da tradição, dotando-a de valor e prestígio maiores. Em suma, um papel de controle social. O autor também cita Georges Balandier, que diz, de forma mais clara, que o mito comporta, "mesmo nas sociedades de tradição oral e mesmo antes da colonização, uma parte de ideologia".

O autor defende que a eficácia do discurso político mítico parte necessariamente de uma visão elitista, já que a

elite detém uma racionalidade superior e promove o mito, sabendo a que fins ele levará, ao contrário da massa que adere ao mito, inconsciente destes fins. Para justificar seu pensamento, Miguel cita o pensador italiano Antônio Gramsci que, no contexto de uma discussão sobre "O Príncipe", de Maquiavel, define o mito da seguinte forma:

" (...) uma ideologia política que se apresenta não como fria utopia, nem como raciocínio doutrinário, mas como uma criação da fantasia concreta que atua sobre um povo disperso e pulverizado para despertar e organizar a sua vontade coletiva.' Ou seja, o povo aparece como elemento passivo, que o moderno príncipe modela através do mito." (MIGUEL:1998, p.650)

Esta ótica justifica a forte influência que os mitos têm sobre as massas. Miguel (1998,p.51) considera o fascismo um regime que soube aproveitar as potencialidades manipuladoras do mito. O que pode ser percebido na passagem de Emilio Gentile, citada por Miguel: "A massa era para o fascismo um material humano que podia ser plasmado através da sugestão do mito e da força coesiva da organização."

Que forma de manipulação pode ser mais efetiva que o discurso? Dirige-se às massas de maneira a persuadi-la e mostrar que as idéias do líder concretizam o melhor para a sociedade. Para Aristóteles, os discursos políticos são dotados de beleza e apresentam interesses mais adequados à sociedade. O pensador grego acreditava que a persuasão dos ouvintes é obtida quando o discurso os leva a sentir uma paixão.

Getúlio Vargas, em seu papel de líder - considerado por muitos mais carismático do que autoritário - foi um orador que, por meio de sua retórica, conseguiu conquistar grande parte da população brasileira da época. Geralmente iniciava seus discursos com bordões como "Trabalhadores do meu Brasil" ou "Brasileiros", de forma a se aproximar de seu público. Para encerrar este item e demonstrar a paixão que Vargas procurava passar em suas palavras, os trechos finais de seu mais famoso discurso, que embora não tenha sido oral, persuadiu e emocionou muitas pessoas - sua carta de despedida.

"Tenho lutado de peito aberto. O ódio, as infâmias, a calúnia não abateram meu ânimo. Eu vos dei a minha vida. Agora ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na história". (Koifman:2002, p.413).

2 - A VOLTA DE GETÚLIO PELOS BRAÇOS DO POVO COMO PROVA DE CONSOLIDAÇÃO DE SEU MITO

A volta de Getúlio à presidência do Brasil pode ser considerada a prova mais efetiva da força exercida por seu mito naquela época. Os 15 anos que passou no poder tiveram influência tão grande que, nas eleições de 1950, conseguiu vencer com um

resultado esmagador: 48,7% dos votos, ou seja, quase a soma de seus dois adversários, o Brigadeiro Eduardo Gomes (29,7%) e Christiano Machado (21,5%).

O retorno de Getúlio é historicamente ainda mais relevante por ter se dado em via democrática, ou seja, por votos populares. O homem que incentivou a industrialização no Brasil, criou as Leis Trabalhistas, instituiu o voto feminino, mas também foi um ditador que se baseava em uma Constituição de inspiração fascista, voltava ao poder pelos braços de seu próprio povo.

Em um momento no qual as articulações políticas estavam praticamente montadas para a sucessão do presidente Eurico Gaspar Dutra, uma única declaração conseguiu desfazer a ordem e tirar o sono dos políticos da época. Deposto pelos militares em 1945 e recluso em sua fazenda em São Borja, Getúlio Vargas afirmava com a convicção do líder que não deixou de existir: "Eu voltarei como o líder das massas". E voltou.

Quem conseguiu tirar as palavras da boca de quem há tempos havia se calado foi o jovem jornalista Samuel Wainer que, na época, trabalhava para *O Jornal*, uma das publicações do conglomerado *Diários Associados*, de Assis Chateaubriand. De viagem aos pampas para fazer uma reportagem sobre a possível auto-suficiência do Brasil na produção de trigo, ao tomar conhecimento de que sobrevoava pela propriedade de Vargas, o jornalista não se conteve e decidiu tentar quebrar o silêncio do ex-presidente.

Para sua surpresa, Wainer encontrou um político maduro para voltar à cena e as declarações, dadas no ano anterior às eleições presidenciais, repercutiram em todo o Brasil, conforme descreve em suas memórias.

"Na mesma quinta-feira, o jornal soltou a manchete: 'Eu voltarei como líder das massas'. (...) Meia hora depois de chegar às bancas, a edição se esgotou. O *Jornal* vendia em média 9.000 exemplares. Vendeu, naquela quinta-feira, 180.000. Chateaubriand imediatamente mandou que a entrevista fosse publicada pelo *Diário da Noite*, que também viu-se esgotar uma edição de 180.000 exemplares. Durante o mês inteiro, o país não falava em outro assunto." (WAINER, 1988: P.25).

O anúncio do "Pai dos Pobres" não só encheu os cofres dos donos dos jornais. Mais que isso: ele caiu como uma bomba em todo o contexto que estava sendo montado para a sucessão presidencial. Os maiores partidos da época - União Democrática Nacional (UDN), Partido Social Democrático (PSD) e Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) - tinham a intenção de lançar um candidato de consenso, que saísse de suas fileiras. Mas, com a declaração de Getúlio, o consenso, obviamente, não foi consolidado. Quem seria capaz de enfrentar Getúlio? Será que o povo queria de novo a "proteção" do "Pai dos Pobres" ou desejava expulsar o fantasma da ditadura?

O desejo pela volta de Getúlio era explícito. No carnaval de 1950 a marchinha de Marino Pinto, na voz de Francisco Alves, também era cantada por diversas vozes brasileiras: "Bota o

retrato do Velho/ Outra vez./ Bota no mesmo lugar./ O sorriso do Velhinho/ Faz a gente trabalhar.”

“Velho”, “Velhinho” era o novo apelido de Getúlio que, aos 67 anos, começou uma exaustiva campanha em busca do poder. Em 60 dias, Vargas percorreu os 20 estados brasileiros, discursando em 80 cidades. No dia 3 de outubro se recolheu a São Borja. Só que desta vez seu objetivo não foi se ausentar do cenário político, mas ouvir, pela rádio, seu nome soar por todos os cantos do país. Depois de um mergulho forçado, Getúlio Vargas estava voltando à tona.

Sua conquista por via democrática ao mais alto cargo do país era algo inédito e, para muitos, surpreendente, considerando sua figura contraditória durante os 15 anos no poder. Em seu retorno, Getúlio foi profético, autodefinindo-se como líder das massas, como pode ser observado neste trecho de seu discurso de posse.

“A minha candidatura não nasceu (...) das injunções da política ou das combinações dos partidos. Ela veio diretamente do povo, dos seus apelos e dos seus clamores”. (KOIFMAN:2002, p.404).

Getúlio Vargas tomou posse em 31 de janeiro de 1951 e encontrou um quadro bem diferente de seu antigo governo. Getúlio não precisaria mais lutar contra as oligarquias rurais, nem com Prestes. Não havia mais censura e o contexto não combinava com a brutalidade da polícia de Filinto Müller.

A política centralizadora se perdera no passado e Getúlio, com seu modo personalista de governar, teria que enfrentar um Congresso com diferentes cabeças, opiniões e ambições; o orgulho ferido de muitos militares; os interesses das multinacionais; as greves dos trabalhadores agora organizados em sindicatos. Getúlio teria que enfrentar a imprensa, dita livre. Teria que enfrentar Carlos Lacerda.

E as dificuldades já começaram na própria posse, quando Getúlio se viu obrigado a governar com um vice não desejado. Mas, como naquela época as eleições para presidente e vice eram realizadas separadamente, o vice eleito foi Café Filho, o potiguar que, em 1946, passara pelas sessões da Constituinte a bradar "Lembraí-vos de 37", numa nítida referência ao golpe do Estado Novo e à sua Carta de inspiração fascista.

Para governar em um ambiente de tantas desconfianças e implacáveis oposições políticas, Vargas usou como estratégia a nomeação de diferentes legendas partidárias na formação de seu gabinete. Independente de apoio, diversos grupos de interesse faziam parte deste novo governo, que, por sua vez, não assumia feições político-ideológicas definidas, além daquelas do próprio Vargas.

Apesar do caráter contraditório em suas nomeações políticas, uma coisa se mostrava certa: Vargas continuava lançando as bases para profundas mudanças econômicas no Brasil.

No dia 6 de dezembro de 1951, o presidente enviou ao Congresso o projeto de lei que criava a Petróleo Brasileiro Sociedade Anônima e, em 1953, foi estabelecido o monopólio estatal da exploração do Petróleo, a ser exercido pela Petrobrás.

Este projeto foi um dos principais de seu governo e dividia opiniões. O grupo de apoio a Vargas, os nacionalistas, levantava a bandeira de independência no controle da produção de energia. Para eles, uma nação que permitisse tal controle via capital estrangeiro estaria eliminando a possibilidade de decidir sobre o próprio desenvolvimento.

Naquela época, a dinâmica do crescimento industrial ainda estava sendo dada pelo processo de "substituição de importações", intensificado com o fim da Segunda Guerra. A força deste processo foi tão visível que, de 1940 a 1961, a produção industrial brasileira foi quase multiplicada por seis e teve uma cadência de crescimento maior do que o dobro do ritmo do crescimento global da economia.

Neste contexto, o papel do Estado na economia foi necessariamente decisivo, visto que definiu políticas de câmbio e alfândega, estimulando determinadas aplicações e provendo a infra-estrutura para a indústria. Desta forma, ao procurar garantir as condições para o processo industrial, o Estado brasileiro se afirmou como centro político fundamental para todos os setores produtivos.

Para garantir recursos e continuar o projeto de desenvolvimento da industrialização do país, Vargas incentivou boas relações com investidores norte-americanos, conseguindo importantes empréstimos do Banco Internacional para a Reconstrução e o Desenvolvimento (Bird). Além disso, no segundo governo de Vargas foi criado o Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico (BNDE), peça-chave de toda a política desenvolvimentista.

Segundo Maranhão (2004: p.81), a tentativa de estabelecer boas relações com o capital estrangeiro não era das mais perfeitas. Havia algo que incomodava norte-americanos: o nacionalismo de Vargas. Sentindo-se ameaçados com esta característica do presidente, eles dificultavam a vida do governo evitando cumprir normas e financiando campanhas de imprensa contra o próprio Getúlio. Os jornais da grande imprensa, regiamente pagos por multinacionais, eram chamados pelos nacionalistas de "imprensa sadia".

Mesmo com capital estrangeiro e grande imprensa indo contra seus projetos, Vargas ainda conseguiu estatizar a geração de energia elétrica. Na época, o setor elétrico era controlado por multinacionais, que se recusavam a colaborar com a política desenvolvimentista de Vargas. Com isso, a defasagem no setor elétrico chegou a tal ponto que, de 1950 em diante, o Brasil teve

que enfrentar graves crises de racionamento. Vargas reagiu, em discurso feito em dezembro de 1953, em Curitiba.

“Estou sendo sabotado por interesses contrários de empresas privadas que já ganharam muito no Brasil (...). Ou nós criamos fundos necessários para estabelecer sobre bases sólidas a indústria de energia elétrica nacional, ou temos de encampar as empresas que não estão dando o resultado que desejamos. (...) Assim como foi criada a Petrobras, (...) nós estamos elaborando agora uma companhia de eletricidade que deve ser denominada Eletrobras”. (MARANHÃO:2004, p.82)

A declaração deu um susto nos dirigentes da Light and Power - controladora do fornecimento de energia no Rio de Janeiro e em São Paulo -, e na maioria dos políticos, que silenciaram quando os repórteres lhes pediram para comentar a fala do presidente.

Em abril de 1954 foram enviados ao Congresso os projetos 4.277 e 4.280, que instituíam, respectivamente, o Plano Nacional de Eletrificação e a Eletrobrás. Com o primeiro, a ser executado em dez anos, o Brasil passaria de uma capacidade instalada de 2,5 milhões de kW para 8,5 milhões - um salto poderoso, que exigia investimentos de 32 milhões de cruzeiros.

Com os investimentos feitos no setor de produção de energia elétrica, Vargas deu ao Brasil mais independência em relação ao capital estrangeiro, deixando, desta forma, mais uma marca de seu espírito nacionalista na história do Brasil.

Em meio ao projeto desenvolvimentista e à estatização na produção de energia, Vargas não se esqueceu, em seu segundo

governo, da classe que representou o grande marco de seus primeiros 15 anos no poder: os trabalhadores. Só que, no governo popular, Vargas agiu de modo diferente: enquanto no Estado Novo ele se limitava a conceder benefícios aos trabalhadores de um lado e controlá-los de outro, aqui o presidente, além de dobrar o salário mínimo, também passou a estimular a atuação livre e reivindicatória dos sindicatos.

Essa característica pode ser percebida em seu primeiro comício como presidente, já que o discurso, como cita Maranhão (2004:p.61) estimulava o sindicalismo: "Uni-vos todos nos vossos sindicatos, como forças livres e organizadas".

Apesar de todas as tentativas em busca do desenvolvimento do Brasil, a época não era das melhores. A inflação estava em alta galopante e a frustração de não poder controlá-la amargurava profundamente o líder que, há muito, andava abatido, como pode ser percebido no trecho abaixo:

"(...) Elegera-se pelo voto popular, mas logo verificaria a impossibilidade de conviver com ela. Aparentemente, mostrava-se conformado mas, no íntimo, estava revoltado e insubmisso. Regime ideal para ele era o Estado Novo. Assim, ditava-lhe a consciência positivista de um caudilho autêntico. Certa vez, fez um desabafo que o seu interlocutor me confirmou depois:

- Me diga uma coisa, Dr. Tancredo, como se pode governar um país tão grande com um Congresso tão mesquinho como este?" (FILHO:1999, p.127)

O jornalista Murilo de Melo Filho explicita neste trecho de suas memórias políticas motivos mais do que suficientes

para o estado de espírito de Getúlio. Cercado de opiniões contrárias, encurralado por interesses estrangeiros e à mercê da imprensa da época, Getúlio já não podia mais governar de sua maneira, ele era tolhido pelo Congresso.

Já não governava mais sozinho. Não tinha mais o poder de fechar o Congresso, como no Estado Novo. Não vigiava mais a imprensa; agora, era ele o vigiado por ela. Qualquer ato era registrado e as interpretações poderiam ser diversas.

O somatório de todas essas circunstâncias levou a um ato final, para o qual vários setores da sociedade, inclusive os meios de comunicação, deram sua contribuição e criaram situações para que ele acontecesse.

2.1 - A CONTRIBUIÇÃO DA IMPRENSA NO SEGUNDO GOVERNO DE VARGAS - O CASO DO JORNAL ÚLTIMA HORA

A imprensa foi uma das maiores inimigas de Getúlio Vargas durante o seu segundo Governo. Como já foi dito, naquela fase, ao contrário do Estado Novo, não havia censura capaz de calar as vozes dos jornalistas. Neste novo campo de batalha, sem polícia política, as vozes discordantes ao novo governo puderam ser ampliadas. Para amenizar a forte oposição, houve a necessidade de surgir um veículo de apoio ao governo. A saída foi

a criação do jornal *Última Hora*, em junho de 1951, sob o comando do jornalista Samuel Wainer.

Mais voltado para temas esportivos e policiais, a *Última Hora* tinha como público alvo as donas de casa, os operários, bancários, funcionários públicos e moradores de subúrbio. Além dos temas populares, o jornal também se utilizava de linguagem arrojada para a época e, com isso, buscava uma aproximação com seu público.

A aceitação foi tanta que, com apenas um ano de circulação, o periódico alcançou tiragem de cerca de 130 mil exemplares. As matérias enfocavam sempre os fatos que favoreciam o governo e investigavam possíveis tramóias e falcatruas dos adversários políticos.

Outra artimanha deste processo de aproximação foi a utilização em larga escala de fotografias, caricaturas, charges, histórias em quadrinhos e vinhetas. Desta forma, a *Última Hora*, ao mesmo tempo em que se tornou visualmente diferente dos concorrentes, também se tornou mais acessível ao público pouco habituado à leitura.

Um jornal com todas essas características foi espelho da política de Vargas, já que buscava atingir sua principal base de sustentação política - as massas populares. Prova disso foi a criação da seção semanal "Tendinha das reclamações", em que um repórter montava uma banca com uma máquina de escrever, em um

bairro do subúrbio do Rio, para registrar as reclamações dos moradores. Considerando essa relação com os leitores, o historiador Pereira (2004: p.85), fala da importância do jornal no segundo governo de Vargas.

"A *Última Hora* estabeleceu um novo tipo de relação com seus leitores, diferente do que era praticado pelos jornais do período. Postulando-se como intermediário do povo junto ao governo, o jornal tinha, como uma de suas estratégias comerciais e políticas, a divulgação de reivindicações. Além de uma estratégia, esse expediente permitia à *Última Hora* construir um "povo" idealizado, que era mostrado como apoiador do governo Vargas e depositário de sua confiança no jornal. O seu discurso delimitava os segmentos sociais que compunham esse "povo" construído em suas páginas. Os critérios de exclusão e inclusão estavam pautados pela perspectiva getulista de incorporação das classes populares ao projeto de industrialização".

A *Última Hora* também denunciava serviços públicos ineficientes e funcionários corruptos ou relapsos, geralmente indicados pelo próprio presidente. As referências a Getúlio eram veiculadas diariamente - da agenda de discursos às ações realizadas, Getúlio sempre era mostrado como um defensor popular. Prova disso era a coluna "O Dia do Presidente", escrita pelo jornalista Luiz Costa, que passava o dia inteiro no Palácio do Catete, registrando passos e ações de Vargas.

O periódico de Wainer projetou inúmeros jornalistas durante a sua trajetória. Nelson Rodrigues, grande nome da dramaturgia brasileira, também demonstrou sua porção jornalística

nas páginas daquele jornal. Suas crônicas, publicadas na coluna *A vida como ela é*, contribuíram para a ampliação do número de leitores, sendo um dos grandes sucessos da *Última Hora*.

Samuel Wainer foi um jornalista de grande importância para Getúlio Vargas, em seu segundo governo. Descendente de judeus, teve uma infância pobre no bairro do Bom Retiro, em São Paulo, sua cidade natal. Começou sua carreira no início dos anos 30, no *Diário de Notícias*, editado no Rio de Janeiro. Trabalhou em vários periódicos e chegou a dirigir a revista *Diretrizes*, um grande sucesso durante o Estado Novo. Em 1944, tornou-se correspondente estrangeiro, tendo viajado pela América e Europa.

Em 1947, de volta ao Brasil, começou a trabalhar para Assis Chateaubriand e em 1949 foi Wainer quem conseguiu quebrar o silêncio do velho caudilho que, com a bombástica declaração de sua volta ao governo, agitou os ânimos do país. Depois disso, o jornalista obteve várias entrevistas e acompanhou Vargas durante toda a campanha eleitoral, aumentando o vínculo com o presidente.

Wainer havia sido um crítico de Vargas: chegou a ter seu nome escrito no livro negro do DIP devido às matérias publicadas em *Diretrizes*. Considerava o ditador Getúlio Vargas como a "encarnação do mal", assim como fez parte do grupo de amigos de Carlos Lacerda. Mas o destino o conduziu para rumos muito diferentes nos anos 50. No segundo governo de Vargas, mudaram-se as posições: Lacerda seria seu maior adversário e

Vargas, um ídolo e amigo. A proximidade entre Wainer e Vargas era tanta que o jornalista era chamado de *Profeta* pelo presidente.

Desde a campanha presidencial de Vargas até a sua posse, a imprensa fez um cerco de silêncio em torno de seus atos. Com isso, foi promovida a aproximação entre Wainer e Vargas, já que o jornalista passou a acompanhar o presidente em todos os seus comícios. Em suas memórias, Wainer descreve um desses momentos, em um discurso proferido por Getúlio em Manaus, durante sua campanha presidencial.

“No aeroporto, a polícia teve de dispersar o povo para permitir que o avião encontrasse espaço na pista de pouso. Depois, durante o comício, o palanque sacudia, abraçado pela multidão. Eram camponeses com pés de Portinari, brasileiros descalços, gente humilde, homens sem posses que vinham saudar o “Pai dos Pobres”. Emocionado com o que vira, comparei o espetáculo oferecido por aquela massa às cenas proporcionadas na Índia pelas multidões que saudavam Gandhi”. (WAINER:1987, p.36).

Na época, o jornalista trabalhava para o grupo de Assis Chateaubriand, dono dos *Diários Associados*. De todos os jornais do grupo, as únicas matérias favoráveis a Getúlio eram as de Wainer. Em uma ocasião, o próprio “Chatô” encomendou um editorial dizendo que seria indispensável “evitar a posse desse monstro”, referindo-se a Getúlio Vargas. Durante a campanha, Wainer e Chatô chegaram a trocar farpas por telegrama.

“De Salvador, passei um telegrama para Assis Chateaubriand com um texto curto e profético: ‘Iluda-se que quiser: a vitória de Vargas está assegurada se funcionarem as regras democráticas das eleições. Sanuel Wainer.’ (...) Poucos dias depois, já em

Vitória, no Espírito Santo, recebi um telegrama com a resposta do dono dos Associados: 'Para Wainer, encontre-se onde estiver: mandarei comprar um balde de água gelada para a sua cabeça quente. Chateaubriand.'" (WAINER: 1987, p. 38).

Getúlio foi eleito e, mesmo assim, a imprensa continuou seu cerco de silêncio. Em suas memórias, Wainer relata que a posse de Getúlio foi contada pelos jornais de maneira fria, com reportagens que não demonstravam o que, para o jornalista, foi definido como "um espetáculo magnífico".

A imprensa também se ausentou na primeira reunião do presidente com seu ministério. Nesta ocasião, surge a proposta de criação de um jornal pró-Getúlio. Para explicar como nasceu a idéia, Wainer narra o seguinte diálogo em suas memórias.

"- Tu reparaste que hoje não veio ninguém cobrir a reunião? - perguntou Getúlio.

(...)

- O senhor só vai aparecer nos jornais quando houver algo negativo a noticiar - preveni. - Essa é uma tática normal de oposição, e a mais devastadora.

Ele andava de um lado para outro. De repente, parou e me disse sete palavras que seriam a senha para abrir-me as portas da grande aventura:

- Por que tu não fazes um jornal?" (WAINER:1987, p.126)

Ao contrário do que defendia a oposição, Wainer afirma que, embora tivesse o apoio de Vargas para montar o jornal, precisou buscar os recursos sozinho. O primeiro investimento foi comprar a "Érica", empresa que controlava a parte gráfica do *Diário Carioca*, que, àquela época, encontrava-se em grave crise econômica.

Para conseguir dinheiro, o jornalista pediu empréstimos a Walter Moreira Salles, jovem banqueiro em franca ascensão; Euvaldo Lodi, poderoso empresário paulista, que ambicionava suceder Getúlio; Ricardo Jafet, presidente do Banco do Brasil; e Juscelino Kubitschek, que começava a crescer na cena política.

O empréstimo feito por Ricardo Jafet rendeu dor de cabeça a Wainer que, mais tarde, foi acusado por Carlos Lacerda de ter conseguido ilicitamente um financiamento do Banco do Brasil para montar o jornal. Em suas memórias, o Profeta de Getúlio explica o mal entendido.

"Jafet (...) cometeu um escorregão que mais tarde criaria graves problemas tanto para mim quanto para ele próprio. Em vez de entregar-me diretamente 10.000 cruzeiros, Jafet mandou que o Banco Cruzeiro do Sul, pertencente à sua família, me emprestasse o dinheiro. Em seguida, redescontou esse título no Banco do Brasil e devolveu a quantia ao Cruzeiro do Sul. O futuro mostraria que se tratara de uma manobra irremediavelmente infeliz." (WAINER:1987, P.129 e 130).

A Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) instalada no Congresso para averiguar o caso do empréstimo só serviu para acirrar ainda mais a briga entre Wainer e Lacerda. O grande desejo de Lacerda era promover, com esse escândalo, o impeachment de Getúlio. No entanto, a comissão, controlada pela UDN, não conseguiu provar o envolvimento de Vargas no crime de favorecimento àquele jornal.

Samuel Wainer foi um jornalista de grande importância para Getúlio Vargas, visto que representava o único apoio ao presidente, em seu segundo governo. Além disso, o jornalista também contribuiu na valorização da profissão, ao inflacionar os salários logo na fundação da *Última Hora* e dar tratamento diferenciado a seus funcionários, o contrário do que acontecia nos outros jornais.

A *Última Hora* não desapareceu com o suicídio de Vargas. Mais tarde, apoiou-se nos governos de Juscelino Kubitschek e João Goulart. Anos depois, Samuel Wainer e a *Última Hora* não resistiram à volta da censura, agora militar, nas redações e, em pleno clima de AI-5, o jornal foi vendido a Maurício Alencar, que integrava o grupo de empreiteiros que arrendaram o *Correio da Manhã*.

2.2 - CARLOS LACERDA E A TRIBUNA DA IMPRENSA - UMA TENTATIVA DE DESTRUIR GETÚLIO

O "demolidor de presidentes". Este apelido, atribuído a Carlos Lacerda, cai como uma luva, quando analisada sua trajetória política. Seu maior sonho: ser Presidente da República. O maior de todos os fascínios: o poder.

Nascido no Rio de Janeiro e registrado em Vassouras, Carlos Frederico Werneck de Lacerda (Carlos, de *Karl* [Marx];

Frederico, de *Friedrich* [Engels]), cresceu em uma família enraizada na atividade política. Seu pai, Maurício de Lacerda, deputado federal ligado aos comunistas, foi um símbolo da resistência durante o repressivo governo de Artur Bernardes (1922-1926).

Nos anos 30, o jovem estudante Carlos Lacerda mostrou sua poção política ao falar, em nome da juventude comunista, no famoso comício da Aliança Nacional Libertadora (ANL). Foi Lacerda quem propôs que o Cavaleiro da Esperança, Luiz Carlos Prestes, fosse proclamado presidente de honra da ANL.

O desligamento de Lacerda do Partido Comunista foi traumático. Os comunistas o acusaram de traição por ter escrito um longo artigo de crítica ao Comintern, para o *Observador Econômico*. Como agravante da situação, a publicação se deu nas comemorações do primeiro aniversário do Estado Novo, organizadas pelo DIP. Apesar do choro compulsivo e da afirmação de que o artigo só foi escrito daquela forma para evitar a publicação de algo mais comprometedor, Lacerda foi expulso do partido.

Naquela época, Wainer ainda fazia parte de seu círculo de amigos e foi ele quem recebeu Lacerda - que, por mágoa, chegou bêbado ao apartamento do casal Samuel e Bluma Wainer. Além de acolher Lacerda, Wainer, que mais tarde seria seu maior rival, ainda o convidou para dirigir a seção literária da *Diretrizes*.

Mesmo com o trauma de ter sido expulso do partido em que nasceu, não foi desta vez que Lacerda se voltou contra o PC, contra Prestes ou o comunismo. Segundo Kucinski (1998:p.156), naquela época havia um inimigo maior e comum a todos: o nazismo.

O anticomunismo de Lacerda só se revelou quando o partido passou a apoiar Vargas, por ordem do Comintern, assim que o Brasil entrou na guerra. Ao visitar Prestes na prisão, Lacerda ficou chocado ao ouvir da boca do Cavaleiro da Esperança elogios ao patriotismo de Vargas - o ditador que havia entregado sua mulher, Olga Prestes, a um campo de concentração nazista. A partir daí, Carlos Lacerda passou a atacar ferozmente o PC.

A trajetória jornalística de Lacerda, assim como a política, também começou cedo. Com apenas 15 anos de idade, em fins da década de 20, Carlos Lacerda escrevia para *O Forquilhense*. Um ano depois começou a atuar no *Diário de Notícias*, auxiliando a poetisa Cecília Meirelles. Também trabalhou nos periódicos *Jornal da Tarde* e *O Estado de São Paulo*, além da *Diretrizes*. Na década de 40, Lacerda trabalhou para *O Jornal*, do grupo de Assis Chateaubriand, de onde saiu por se recusar a desmentir uma entrevista que fora dada por um ministro do Estado Novo.

Sua estréia como candidato a cargos políticos foi em 1947, quando se elegeu vereador pelo Distrito Federal, obtendo 36.400 votos, sendo, assim, o vereador mais votado daquelas

eleições. No entanto, renunciou ao mandato devido à Lei Orgânica, que determinava que os vetos do prefeito fossem apreciados pelo Senado e não pela Câmara.

Com a desistência, Lacerda voltou a dedicar-se exclusivamente ao jornalismo fundando, em 1949, o jornal *Tribuna da Imprensa*, título de uma coluna política que mantivera, desde 1946, no *Correio da Manhã*. Começava aí a batalha contra Getúlio Vargas que, no ano seguinte, retornaria ao poder.

A fama de demolidor de presidentes surgiu da forte oposição feita aos donos do poder, por meio da imprensa, sua maior arma e seu melhor campo de batalha. Em diferentes épocas da história, os presidentes, homens que ocupavam o cargo tão sonhado por Lacerda, foram vítimas do poder de oratória e das pontiagudas palavras do jornalista: JK, Jânio Quadros, Jango. Mas o maior rival político de Carlos Lacerda foi, sem dúvida, Getúlio Vargas.

Assim que Vargas foi eleito democraticamente, a UDN passou a exigir a impugnação da chapa vencedora, alegando que os candidatos não alcançaram maioria absoluta, como determinava a Constituição. Por meio da *Tribuna da Imprensa*, Carlos Lacerda foi o principal defensor dessa tese, que acabou sendo derrubada pelo Tribunal Superior Eleitoral.

Em agosto de 1953, Lacerda fundou o *Clube da Lanterna*, que tinha o objetivo de combater o governo Vargas. Samuel Wainer (1987, p.178) conta que, durante um depoimento na CPI da *Última*

Hora, ironizou Lacerda, ao definir a *Tribuna da Imprensa* como "uma lanterninha da imprensa", devido à sua pouca tiragem de exemplares. Irritado, Lacerda escreveu um editorial, prometendo transformar-se "na lanterna de Diógenes, para sair às ruas não à procura de um homem feliz, mas de ladrões". Em seguida, fundou o *Clube da Lanterna*, que passaria a ser freqüentado por pessoas de forte oposição ao governo Vargas. Mas, segundo Wainer, o clube "reuniria lacerdistas fanáticos, as célebres mal-amadas e oficiais golpistas".

Severo (2004: p.01) atribui a Carlos Lacerda a responsabilidade pela tentativa de deposição de Vargas. Em seu artigo, o autor destaca que a batalha da imprensa em relação ao episódio Vargas travou-se entre dois pequenos jornais, sem tradição no mercado e limitados apenas ao Rio de Janeiro: *Última Hora* e *Tribuna da Imprensa*. A grande imprensa da época acompanhou de longe, sem tomar iniciativas.

O autor considera que Lacerda, "um jornalista político talentoso e audaz", utilizou, em seus ataques a Getúlio, uma técnica chamada macarthismo (em referência ao senador norte-americano que liderou na cruzada anti-comunista nos EUA dos anos 50). Nela, cria-se um boato que vai ao sistema político e volta como fato. O acusado perde-se nesse emaranhado, que todos os dias é alimentado por uma nova acusação. O autor acredita que Vargas

ficou encurralado em seu quarto de dormir e acabou encontrando, no tiro certo, a solução para a crise.

Severo afirma que Lacerda "utilizou a técnica para sucumbir o governo, deprimir o presidente e paralisar seus seguidores". O primeiro passo foi separar Vargas e Wainer, por meio da CPI da *Última Hora*. O segundo foi criticar a promulgação do reajuste de 100% do salário mínimo - além de causar ira nos militares, Vargas acabou acusado de gerar a inflação e a instabilidade econômica. O terceiro foi desmoralizar a família do presidente, principalmente após o atentado a Carlos Lacerda, que envolveu pessoas próximas a Getúlio.

Mas a *Tribuna da Imprensa* não foi a única arma utilizada por Lacerda. O jornalista de língua afiada também conquistou espaço na Rádio Globo. De propriedade de Roberto Marinho, a emissora ocupava o quarto lugar no *ranking* de audiência. Preocupado com o crescimento da *Última Hora*, Roberto Marinho permitiu que Lacerda utilizasse os microfones da rádio para atacar o governo, a partir de 1953.

Com pouco mais de um ano de criação, o periódico de Wainer já vendia mais que *O Globo* e começava a expandir-se para São Paulo. Como se não bastasse, em abril de 1953, o jornal de Wainer lançou o tablóide *Flan*, que logo atingiu a marca de 150 mil exemplares, tornando-se rival da revista *Cruzeiro*, ameaçando, também, o reinado de Chateaubriand.

A CPI da *Última Hora* foi um pedido do próprio Wainer, que buscando provar sua inocência perante as acusações de Lacerda, pediu que fossem realizadas as investigações. Assim que começaram os trabalhos da comissão, a Rádio Globo passou a fazer cobertura jornalística, seguida de comentários de Carlos Lacerda.

Em uma ocasião, Wainer se negou a prestar informações à Comissão Parlamentar de Inquérito e, por isso, foi punido com um mandado de prisão por 15 dias. O jornalista cumpriu dez dias e foi liberado por um *habeas-corpus*. Lacerda atacou.

"(...) agora vocês estão vendo que Samuel Wainer ainda tem forças, que a *Última Hora* tem protetores poderosos. (...) Nós estamos diante de uma organização completa para a infâmia, para o boato, para tripudiar sobre a honra do adversário, para espalhar boatos, para inquietar a população, para nos dividir uns aos outros, para nos intrigar(...)" (CALABRE:2004, p.04)

A repercussão dos comentários de Carlos Lacerda era grande. O jornalista não poupava Getúlio e os membros de seu governo, fazendo afirmações em tom acusatório. Samuel Wainer descreve, em suas memórias, o ódio que Lacerda cultivava pela *Última Hora*.

"Quando a *Última Hora* nasceu, Carlos Lacerda foi assaltado por um ódio ferocíssimo, permanente. Era preciso destruir meu jornal, sob o pretexto de que a *Última Hora* representava uma ameaça à imprensa brasileira. Na linha de raciocínio de Lacerda, era preciso provar que a *Última Hora* recebera irregularmente dinheiro do governo, para liquidar o jornal e, em seguida, destruir Getúlio Vargas. Ele não me fazia mal nenhum, entretanto, se contasse exclusivamente com seu próprio jornal - a *Tribuna da Imprensa* não encontrava ressonância, era uma ficção jornalística. O problema é que Lacerda logo seria

auxiliado por Assis Chateaubriand, que lhe franquearia acesso à TV Tupi, e por Roberto Marinho, que pôs a Rádio Globo à sua disposição. No seu livro de memórias, por sinal, Lacerda afirma que, ao receber esse tipo de ajuda, sentiu-se invencível". (WAINER:1987, p.140).

Em setembro de 1953, o chefe da polícia ameaçou alguns jornais e emissoras de rádio, com diversos tipos de punição - inclusive a cassação da concessão - por estarem veiculando calúnia e injúria ao presidente da República.

Com o intuito de equilibrar os escândalos promovidos por Lacerda, a Rádio passou a oferecer ao governo o mesmo tempo de palestra concedido a Lacerda. Foram mandados alguns representantes para discursar mas, depois de algum tempo, ninguém mais comparecia. Talvez por não existir pessoa capaz de se contrapor à língua afiada de Lacerda. Além da repercussão nas rádios, o caso da *Última Hora* foi parar na televisão, representando a primeira utilização deste veículo para fins políticos.

Atento a todos os fatos, Lacerda agia como um zelador do cenário político brasileiro. Sua missão era denunciar, criticar, rebater. Jamais engolir algo que não passasse por sua garganta. O demolidor de presidentes definia o jornalista como um "político do povo" e "zelador da comunidade".

"(...) O próprio do jornalista é ser zelador, (...) Próprio do jornalista, antes de tudo, é "ver". E, uma vez visto, dizer que viu.
(...)

pela imprensa ouve a fala da Nação, temos de nós que o jornalista é os olhos, os ouvidos, a bôca e- ai de nós - algumas vêzes até o nariz da nação.

(...)

que ele veja, que mostre, que não silencie, que ouça e prove que ouviu, e não se deixe peitar nem domesticar, nem por dinheiro nem por temor, nem pela fonte maior de tôda corrupção, que é a incapacidade de crer.” (LACERDA:1950, p.12)

Em sua análise sobre a batalha *Tribuna da Imprensa X Última Hora*, o autor Kucinski (1998:p.160) atribui à fama de Lacerda o apoio e espaço que lhe davam os grandes veículos, e não à influência da *Tribuna da Imprensa*, “de circulação desprezível e sem distribuição nacional”. Por outro lado, destaca a *Última Hora* como uma “revolução no jornalismo brasileiro”, uma “escola de toda a geração de jornalistas, tantas foram as inovações formais introduzidas por Wainer”.

“Em seu conjunto, as inovações de Wainer, entre as quais as cartas dos leitores, as seções de pesquisas, as manchetes sobre problemas do cotidiano, a agenda do presidente, contribuíram para adensar o papel da imprensa como um espaço público. Esse é, talvez, o único momento na história da imprensa brasileira em que tanto a burguesia como o campo popular constituem um espaço público por intermédio de grandes veículos de comunicação e debatem nesse espaço com armas equivalentes. Por isso, os anos 50 foram de grande densidade democrática. A burguesia, por meio de seus veículos, tentava combater e erodir o Estado populista. O povo, por meio de *Última Hora* (...) tentava defender ou avançar seus interesses aparentes”. (KUCINSKI:1998, p.161)

Sem desmerecer a capacidade destes dois jornalistas que foram representantes do mais explícito dualismo em torno do mito Vargas, o autor dá diferentes significados a cada um deles.

Baseando a avaliação em suas trajetórias, Kucinski define Lacerda como o grande personagem da política brasileira, enquanto a Wainer cabe o mérito de representar o personagem maior na história do jornalismo brasileiro.

3 - O ATENTADO DA RUA TONELERO: UMA POSSÍVEL DECADÊNCIA DO MITO?

O atentado da Rua Tonelero pode ser considerado um estopim para a crise que vinha se alastrando sob o governo Vargas. Na madrugada de 05 de agosto de 1954, o tiro que atingiu o pé esquerdo de Carlos Lacerda e matou o major da Aeronáutica Rubens Florentino Vaz, deu início a um período de ataques mais ferozes, investigações e pedidos de renúncia.

O atentado levaria às últimas conseqüências o segundo governo de Vargas que, ao longo de sua gestão, foi duramente

atacado por denúncias de corrupção. "Patriarca do roubo" e "gerente-geral da corrupção no Brasil" representavam as várias maneiras pelas quais o presidente era chamado por Lacerda. Com a mesma paixão, Wainer continuava a defender Vargas apelidando Lacerda como "O Corvo".

O gabinete diversificado, montado por Vargas na tentativa de equilibrar forças e conciliar idéias dentro de seu governo, não foi suficiente para evitar crises. Cercado de militares e parlamentares desconfiados, o governo se via encurralado dia-a-dia, por ambições e interesses individuais, fruto do orgulho ferido de muitos políticos e militares.

Mesmo disposto a cumprir seu governo, a situação de Vargas não era das melhores. A inflação crescente, o desequilíbrio no balanço de pagamentos e a pouca perspectiva de crescimento estourou em uma onda de greves, em março e abril de 1953. Até a classe trabalhadora, base política do "Pai dos Pobres", mostrava sua insatisfação.

Eusébio Rocha, deputado federal em 1947 pelo PTB, do qual foi um dos fundadores em São Paulo, e articulador da volta de Vargas, defende a tese que a crise política surgiu sem fundamento na crise econômica.

"Volta Redonda, a Petrobrás e a Eletrobrás abriram uma perspectiva incrível para o desenvolvimento interno (...). O fato de a política financeira privilegiar os investimentos prioritários e não os investimentos especulativos forneceu a infra-estrutura de um desenvolvimento econômico satisfatório, que permitiu

revisões salariais de 300%. A política econômica do dr. Getúlio criou essas condições, mas ele chegou à conclusão de que ou se estagnava a sangria da descapitalização do país através da remessa de lucros, ou a obra dele ficaria contida. Aí então é que ele realmente chocou os interesses internacionais. Esses interesses manipularam falsamente a opinião pública, seduziram a ambição individualista e criaram realmente a crise política, sem fundamento na crise econômica". (LIMA:1986, p.187 e 188)

A ira dos políticos se mostrou mais forte com a guinada à esquerda do governo Vargas: a nomeação de João Goulart para o Ministério do Trabalho. Em pleno clima de Guerra Fria, período em que foi decretada a ilegalidade do Partido Comunista, nomear um "vermelho", um "melancia" para uma pasta tão importante era algo difícil de engolir - principalmente para os militares. Agravando ainda mais a situação, Vargas dobrou o salário mínimo e os trabalhadores passaram a ganhar o mesmo que um segundo tenente do Exército.

Os militares reagiram imediatamente, organizando um abaixo-assinado de protesto, reunindo assinaturas de 42 coronéis e 40 tenentes. O ministro da Guerra, Cyro do Espírito Santo Cardoso - tio do futuro presidente Fernando Henrique Cardoso -, pediu demissão. Seu substituto exigiu a demissão de Jango para assumir.

Jango abandonou a pasta do Trabalho, mas os problemas de Vargas não acabaram. A reforma ministerial manteve uma maioria de udenistas, o principal partido de oposição a Vargas, como

representantes. Enquanto isso, a capacidade de reação governamental aparecia cada vez mais frágil, frente aos agressivos posicionamentos oposicionistas.

Como já foi visto, era Lacerda o principal líder de oposição a Vargas. Na tentativa de derrubar o presidente, promovendo seu *impeachment*, o acusou de ser conivente com atos criminosos, corrupção e imoralidade, no caso da *Última Hora*. Mesmo com a dura campanha contra Vargas, não foi dessa vez que conseguiu derrubá-lo: o pedido de *impeachment* foi rejeitado por 136 votos a 35.

Abelardo Jurema, suplente de Rui Carneiro no Senado, pela coligação PSD-PL, entre os anos de 1951 e 1959, descreve o personagem Carlos Lacerda no segundo governo de Vargas:

“Carlos Lacerda era um rolo compressor. Era dia e noite, pelo rádio, sempre em cima do Getúlio, acuando. Mal comparando, era como um cachorro no campo acuando o gado para fazê-lo entrar no curral. Assim era o Lacerda, dia e noite. Era uma coisa impossível”.
(LIMA: P.189)

Mesmo com a forte oposição de Lacerda, Koifman (2002:p.407) considera que a desgraça de Vargas foi gerada dentro do Palácio do Catete. “Mais precisamente, na sua Casa de Guarda”, onde “imperava Gregório Fortunato, chefe da segurança pessoal de Vargas desde 1938”. Koifman cita Samuel Wainer ao falar sobre o papel do “Anjo Negro” no incidente da Tonelero.

“Instalado num chalé na entrada do Catete, Gregório vivia recebendo homenagens de figurões interessados em

ver facilitado o acesso ao Presidente. Homem primitivo, ele não soube compreender os reais motivos daqueles afagos, e deixou-se seduzir pela maciez do poder. A certa altura, considerou-se inatingível e passou a circular com inteiro desembaraço, agindo à revelia do Presidente. Esse equívoco irremediável contribuiu para explicar a tragédia da rua Toneleros. Certamente influenciado por pessoas que não eram amigas do Presidente, Gregório concluiu que a melhor maneira de ajudar Getúlio era eliminar Carlos Lacerda. A mente primária do guarda-costas não poderia avaliar as conseqüências do plano arquitetado nas sombras do Catete". (KOIFMAN:2002,p.407)

Na data do atentado, o major Rubens Florentino Vaz atuava na segurança pessoal de Carlos Lacerda e, atingido, não resistiu aos ferimentos. A Aeronáutica, tendente à deposição de Getúlio, abriu um Inquérito Policial Militar (IPM) para apurar a autoria do crime.

O inquérito conseguiu a prisão do pistoleiro Alcino José do Nascimento e, por meio dele, chegou ao chefe da Guarda Pessoal de Vargas, Gregório Fortunato. Há fortes indícios de que o "Anjo Negro" não tenha agido sozinho. As acusações em torno do planejamento do crime recaíram contra o irmão mais novo do presidente, Benjamim Vargas, e sobre Lutero, filho de Getúlio. No entanto, nunca houve prova alguma de que a ordem do crime tivesse partido de Getúlio. Gregório foi indiciado e preso como mandante do crime.

Wainer (1987:p.200) conta em suas memórias que, embora estivesse afastado de Getúlio naquela época, na madrugada de 05 de agosto ligou imediatamente para o Catete em busca de

informações. O repórter Luís Costa, responsável pela coluna "O Dia do Presidente", se encontrava no Palácio e ouviu o seguinte comentário feito por Getúlio: "esse tiro me atingiu pelas costas".

O próprio Wainer admite que, no dia seguinte, publicou o episódio em toda a primeira página da *Última Hora*, procurando dar enfoque apenas policial ao caso, embora reconhecesse que ele fosse de cunho predominantemente político.

"Durante todo o tempo, fiz o que pude para eximir de qualquer culpa a figura do presidente, sustentando a tese de que, ainda que houvesse gente do Catete envolvida no episódio, Getúlio de nada sabia. Tratava-se de um brasileiro honrado, muito acima de torpezas desse gênero. Lastimavelmente, o esforço da *Última Hora* na defesa de Vargas resultaria inútil".
(WAINER:1987:p.201)

Nem a dura campanha de Lacerda contra Vargas fez Wainer desistir de defender o presidente. Na *Última Hora* o drama foi tratado em seus detalhes, sendo publicadas sucessivas manchetes contra Lacerda, que passou a ser acusado de agente provocador e golpista. A tiragem do jornal crescia muito, já que era o único que, àquela altura, ainda estava favorável a Vargas.

O clima era tenso e a oposição a Vargas era cada vez mais notória e crescente. Lacerda, a UDN e grande parte das Forças Armadas promoviam um cerco a Getúlio. Em matéria publicada no dia 22 de agosto de 2004, no jornal *Folha de São Paulo*, a colunista Danuza Leão - que, em 1954, era casada com Samuel

Wainer - cita parte de um discurso de ataque a Getúlio, proferido pelo deputado Afonso Arinos de Melo, líder da UDN na época.

"(...) Eu falo a Getúlio Vargas, como presidente e como homem. (...) Tenha coragem de perceber que o governo é, hoje, um estuário de lama e um estuário de sangue. (...) Lembre-se dos homens e deste país e tenha a coragem de ser um desses homens, não permanecendo no governo se não for digno de exercê-lo".

A colunista também cita parte do discurso proferido anos mais tarde, quando Afonso Arinos faz *mea-culpa*, devido ao trágico desfecho do caso Getúlio.

"Éramos como uma matilha de lobos acuando aquele bicho [Getúlio] dentro de um alfojo até ele se matar lá dentro. Isso me desgostou, me deu enjôo. Falar disso é muito difícil".

Há quem defenda que houve conspiração, ou seja, nenhum tiro chegou a atingir Lacerda. Afinal, depois do fracasso no caso *Última Hora*, nenhuma arma seria mais forte e destrutiva do que ter nas mãos um cadáver de um militar estimado e com projeção nas Forças Armadas. Uma das pessoas que levanta a hipótese da conspiração é o próprio Lutero Vargas, que levantou a dúvida ao Delegado Pastor, o primeiro responsável pela investigação do crime da Tonelero:

"Delegado Pastor, com a experiência que eu tenho de cirurgia de guerra, sei que uma bala 45 num pé é igual a uma amputação. Uma bala 45 é maior que muitos ossos do pé. Então esse sujeito não deve ter ferimento nenhum no pé." (LIMA:1986, p.190)

Lutero estava convicto de que o crime tinha sido feito exatamente para cair nas costas de Getúlio. Para tentar provar sua inocência, Lutero afirmava que não havia sido chamado para depor, mas que se apresentou. E, para isso, foi à Câmara pedir para ser dispensado de sua imunidade parlamentar. Depois da morte de seu pai, Lutero narra uma conversa que teve com Gregório, que estava na penitenciária:

“‘Quem lhe pagou para fazer tamanha burrice? Você não é burro, por que fez aquilo?’ Ele [Gregório] continuou dizendo que era idéia dele. E eu: ‘Você me chamou de mandante por quê?’ Ele disse: ‘Eu não sei, não me lembro disso. Eles me doparam, me ameaçaram até de me atirar de um avião, e eu não sei o que declarei nesse inquérito’”. (LIMA:1986, p.191)

Gregório foi punido pelo crime da Tonelero, mas muitas hipóteses ficaram suspensas no ar. A única certeza é que a morte do major Vaz foi o fator decisivo para a queda de Vargas. E um prato cheio para Lacerda que, através de sua *Tribuna da Imprensa*, ajudou a traçar cada linha desta fase da história do Brasil.

3.1 - A COBERTURA DO JORNAL TRIBUNA DA IMPRENSA ENTRE OS DIAS 05 E 25 DE AGOSTO DE 1954

“A Nação exige o nome dos assassinos”. A manchete bomba estourou na manhã do dia 05 de agosto de 1954. Começava ali a grande batalha em busca da deposição de Getúlio Vargas. A partir daquela manhã, os leitores ficariam a par de todas as investidas

contra o presidente, em um clima de intrigas, ameaças e duras acusações.

Carlos Lacerda passaria a expor todo seu talento, seu ódio, seu poder de oratória, nas páginas de sua *Tribuna da Imprensa*. Os ataques só seriam apaziguados depois do desfecho deste episódio, que foi o suicídio de Vargas.

Muitas foram as circunstâncias que antecederam este ato final e a maioria delas, se não todas, podem ser vistas na cobertura do jornal de Lacerda, entre os dias 05 e 25 de agosto de 1954. Na manhã do dia 05 de agosto, a primeira página da *Tribuna*, que começava a guerrear, se apresentou da seguinte forma:

No destaque:

“A NAÇÃO EXIGE O NOME DOS ASSASSINOS.

Um grupo de capangas tenta assassinar Carlos Lacerda - Morto, com dois tiros no coração, o major-aviador Rubens Florentino Vaz, amigo do jornalista - (...)”

O jornal de Lacerda, durante o período pesquisado, utilizou a mesma tática para suas manchetes: o título seguido de vários trechos que diziam respeito ao tema. As matérias geralmente eram publicadas na segunda página do jornal ou, se fossem de maior complexidade, na oitava, ocupando toda a página.

Nesta primeira página do dia 05 de agosto também foi publicada uma carta escrita, do hospital, por Carlos Lacerda e publicada no canto direito do alto da página, tendo destaque

indiscutível naquele exemplar. Um dos trechos escritos ficou marcado na história, significando o primeiro dos vários ataques a Vargas.

"(...)Mas, perante a Deus, acuso um só homem como responsável por este crime. É o protetor dos ladrões, cuja impunidade lhes dá audácia para atos como o desta noite.
Esse homem chama-se Getúlio Vargas".

No canto esquerdo da parte de baixo da capa deste exemplar, a equipe da *Tribuna* lança uma suspeita, a partir de uma nota da redação. Eles informam que, no fechamento da edição, receberam um telefonema denunciando que os responsáveis pelo atentado foram dois elementos da guarda pessoal de Vargas e um elemento da Polícia Especial. Os suspeitos estariam ligados a Lutero. A matéria não foi veiculada, porém, porque segundo a redação "a ligação foi cortada".

Na terceira página foi publicada uma matéria com o título "A honra da Nação brasileira exige a punição deste crime". No conteúdo, declarações do Brigadeiro Eduardo Gomes, Eurico Gaspar Dutra, Tancredo Neves - na época, Ministro da Justiça -, Gustavo Capanema - líder da Câmara dos Deputados-, diretoria da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), dentre outras autoridades.

Em todo o período estudado, as publicações da terceira página se resumem em matérias envolvendo declarações de políticos e militares contrários a Vargas, de caráter predominantemente

conservador. Opiniões pessoais, trechos de discurso, tudo o que foi veiculado expressava tanto a linha editorial adotada por aquele veículo, quanto seu principal objetivo, que se mostrava explícito.

No entanto, o local que concentrava a parte mais demagógica do jornal foi, sem dúvida, a página quatro, na qual, diariamente, eram publicados artigos quase sempre assinados por Lacerda. Como na época da Rádio Globo, a 4ª página da *Tribuna da Imprensa* era o espaço que Lacerda utilizava para exercer sua oratória e impor seu ponto de vista sobre os fatos que estavam ocorrendo.

No dia 05, no entanto, o artigo não foi assinado por Lacerda, que se encontrava hospitalizado. O texto foi veiculado sem assinatura, mas demonstrou um caráter de equipe, em solidariedade ao dono daquele jornal, como pode ser percebido nestes trechos.

"Nossa parte será cumprida.
Afunda-se a oligarquia do sangue. A corrupção (...) já não satisfaz ao bando que explora o poder (...).
(...) Carlos Lacerda escapou. Seu exemplo, sua lição, sua voz, continuarão a serviço da grande luta que, enobrecendo a sua vida, honra a geração dos que não se vendem (...).
(...) Nossa voz não silenciárá. Desmande-se o Governo até onde ele quiser (...) isso importa que a Nação compreenda que não há paz, nem honra, nem liberdade, enquanto no Poder estiverem instalados a violência, o roubo, a corrupção que chama a oligarquia Vargas (...)."

A página quatro tinha tanta importância na *Tribuna* que, quando não havia algo relevante a noticiar, o próprio artigo era transformado em manchete. Assim aconteceu, por exemplo, no dia 06 de agosto, quando na primeira página apareceu a seguinte manchete: "Carlos Lacerda escreve: COMEÇOU A IMPOSTURA DOS MANDANTES."

A manchete se referia ao artigo escrito por Carlos Lacerda, na página quatro. Aquele seria seu primeiro artigo depois do atentado e continha muitas acusações a Getúlio e observações do próprio Lacerda sobre o desenrolar dos fatos.

"Começou a ronda da hipocrisia para ganhar tempo e garantir a impunidade. Nunca houve crime mais fácil de ser descoberto. (...)

(...) a *Última Hora*, ontem, acovardada, simulou ares de um jornal honesto. Para não perder o hábito, insinuou que o major Vaz, em todo caso, era um adepto das idéias insinuadas por nós. Tranqüilize-se o povo das provocações pagas pelo Banco do Brasil. De acordo com as nossas idéias (...) estão hoje todos os brasileiros - à exceção dos tolos e dos tratantes (...)

(...) Não é proibido a ninguém, seja ou não major da Aeronáutica, assistir a conferências de caráter cívico e cultural, nem manter relações pessoais com jornalistas, sejam ou não da oposição."

Lacerda insinua, neste artigo, que a *Última Hora* acusa o major Vaz de acompanhá-lo, fazendo, desta forma, que o crime perca sua gravidade. No entanto, o Corvo fala que o major morreu como um amigo, não como um político. Na circunstância do atentado, o major, em seu dia de folga na Aeronáutica, fazia a segurança de Lacerda, que voltava de um comício no Colégio São José.

Além da manchete com o artigo de Lacerda, a *Tribuna* do dia 06 de agosto foi marcante pela forte comoção que passava ao leitor. Na capa, foto do velório de Rubens Vaz e matérias que mostravam toda a indignação de determinadas classes populares, por exemplo, "Povo e Forças Armadas unidos no enterro do major assassinado" e "Violenta reação do Congresso - Parlamentares de todos os partidos exigem a punição do crime".

A partir deste dia, Lacerda passou a priorizar matérias que expressavam a recusa ao governo, em decorrência do atentado. Diariamente, sob o título "Milhares de brasileiros condenam o atentado", eram publicados centenas de nomes de pessoas e grupos de várias partes do país, que lhe enviavam mensagens de solidariedade. O jornalista mostrava que estava ganhando terreno.

Lacerda fazia questão de mostrar o ódio que vários grupos alimentavam por Vargas, como pode ser observado nestes trechos, publicados na 2ª página:

"A oligarquia Vargas está no fim
Apontando à Nação mais um crime da oligarquia a
Assembléia Legislativa de São Paulo se levantou,
ontem, contra Vargas.
(...)
Ontem, foi Carlos Lacerda, amanhã seremos nós."

Ou:

"Greve de luto e protesto dos estudantes
Em protesto contra o covarde atentado que visava a
eliminar o jornalista Carlos Lacerda, e luto pelo
assassinato do major Rubens Vaz, o DCE da Universidade
do Distrito Federal recomenda greve de três dias aos
estudantes cariocas (...)

E ainda, na página 3:

“Profunda foi a reação, ontem, nas duas casas do Congresso contra o atentado (...). Falaram representantes de todos os partidos, unânimes na sua condenação (...).”

Durante o período analisado, a *Tribuna da Imprensa* seguia basicamente o mesmo esquema: nas manchetes, notícias de grande repercussão em torno das investigações e, quando elas não existiam, o próprio artigo de Lacerda funcionava como matéria de destaque; nas páginas dois, situava-se a maioria das matérias destacadas na 1ª página, sendo que, na maioria das vezes, elas continham mais opiniões e declarações do que a investigação em si; a 3ª página sempre era dedicada aos ataques ao governo por parte de parlamentares e integrantes das Forças Armadas; na 4ª página, a parte mais demagógica: os artigos que, na grande maioria das vezes, foram assinados pelo próprio Lacerda.

Basicamente, esta foi a linha que o jornal seguiu durante o período estudado. Com o objetivo de facilitar a visualização da cobertura, a partir de agora, os trechos mostrados serão divididos pelos seguintes temas: publicações de capa; publicações de repúdio ao governo; e trechos de artigos assinados por Carlos Lacerda.

As publicações de capa são, obviamente, as que tendem a ser as mais direcionadas, devido à sua maior visualização. Pela trajetória do período, traçada pela *Tribuna da Imprensa*, vai ser

possível perceber o desenrolar dos fatos, sob a ótica de Carlos Lacerda e, conseqüentemente, sua incessante tentativa de desconstruir o mito Getúlio Vargas.

Dias 07 e 08:

"APURAR TUDO, ATÉ O FIM.

Oficiais da Marinha, Aeronáutica e Exército decidiram, em reunião: 'ir até o fim no inquérito, custe o que custar'".

"O pai do motorista acusa:

'Meu filho sabia o que ia fazer' - não acredita que o filho tenha tido participação inocente no atentado".

"Quatro mil estudantes três dias em greve".

"Não fique ninguém em casa na segunda-feira. Grande reunião pública no Clube da Lanterna, na ABI, para apresentação dos candidatos - Carlos Lacerda presente - Protesto coletivo sobre atentado na Rua Toneleros".

Como pode ser percebido, as investigações já tinham se iniciado. A segunda manchete diz respeito ao depoimento do pai do motorista Nelson Raimundo de Souza, que apanhou um passageiro na avenida Copacabana, poucos minutos antes do crime, levando-o até as proximidades da rua Tonelero. O pai de Nelson declarou não acreditar na participação inocente do filho, já que se tratava de uma pessoa conhecida no mundo do crime, tendo atuado como informante para autoridades. A capa também traz fotos de Carlos Lacerda prestando depoimento.

Dia 09:

"Eis um dos assassinos que está sendo procurado".

A manchete faz referência a Climério Euribes de Almeida, "investigador 763", apontado como um dos prováveis assassinos do major. Sua foto é exibida em um grande espaço da 1ª página do jornal. O suspeito havia fugido e Lacerda atribui a culpa a Getúlio Vargas. O jornalista afirma que a confissão do motorista Nelson Raimundo - que entregou Climério - foi sonegada ao conhecimento da opinião pública: o Ministro da Justiça, Tancredo Neves, recebeu as gravações às cinco da manhã e, somente à tarde, as passou para Getúlio. Neste espaço de tempo, o capanga fugiu.

Dia 10:

"Eis outro assassino".

Foto de um segundo suspeito: José Antônio Soares, compadre de Climério. Além disso, o jornal também estampou na capa um dossiê sobre Climério:

"Quem é Climério capanga de Vargas assassino de Vaz (...). Proprietário de onze lotes de terra em Belford Roxo - (...) Diz afilhado de Lutero e compadre de Gregório."

Neste dia também foi publicada uma nota escrita por Lacerda, explicando o motivo pelo qual não publicou seu artigo diário:

"Hoje não posso escrever. Tenho os meus olhos chagados pelo espetáculo mais repugnante e mais triste que se podia oferecer a uma pessoa.
(...)

Ontem, premido pela própria covardia, o sr. Getúlio Vargas dissolveu a sua guarda pessoal. O chefe dos

'gangsters' dispersou a sua malta para facilitar a defesa. (...) Agora, se um deles matar, já não é de responsabilidade do sr. Getúlio Vargas. Eis o seu golpe na utilização de criminosos”.

Dia 11:

“Apelo de Lacerda a Vargas: RENUNCIE À PRESIDÊNCIA PARA SALVAR A REPÚBLICA”. Neste dia, a manchete foi o próprio artigo de Lacerda. Sempre que o jornal adotava este tipo de procedimento, eles publicavam da mesma forma: um título “introdutório” sublinhado e o título do artigo, publicado em letras maiúsculas. _

Dia 12:

“Vargas deposto pelo povo carioca”. A manchete publicada no dia 12 de agosto mostrava fotos da multidão que, acompanhando o enterro do major Vaz, apedrejava cartazes políticos de Lutero e Vargas, além de terem incendiado o carro de propaganda do PTB.

Dia 13:

“Está provado: o governo deu fuga aos criminosos.”

A capa da edição do dia 13 de agosto está repleta de acusações contra o governo. Isso leva a crer que as investigações já estavam em caráter avançado. A matéria, publicada na página 6, afirma que depoimentos inesperados comprovam que o governo ajudou na fuga. No entanto, o nome das testemunhas ainda estava em sigilo. O Ministro da Justiça, Tancredo Neves, desmentiu o fato,

afirmando que estas novas pessoas apresentadas não eram de confiança.

Dia 16:

"Pode presidir a República o pai do homem que vai ser inquirido?
Prêso no aeroporto do Galeão, o pistoleiro Alcino (...) confessou que Lutero foi o mandante".

Na ocasião, Lutero foi apontado como mandante do atentado. As testemunhas sigilosas eram vizinhos de Soares, um dos participantes do crime. Eles alegaram que o suspeito e sua mulher fugiram ao receber, pela segunda vez, a visita de Valente - integrante da Guarda Pessoal, que era uma espécie de "suplente" de Gregório.

O casal desconfiava que Soares era "homem de Gregório", já que essa era a única explicação para a que o vizinho sempre tivesse dinheiro, mesmo sem trabalhar. Capturado, Soares apontou Lutero como mandante.

Dia 16:

"O povo espera a decisão dos chefes militares
A Constituição não foi feita para justificar a complacência com o crime - Quem serve à Vargas não serve à Constituição - Só há uma solução: a renúncia de Vargas".

Neste dia, devido ao desenrolar dos acontecimentos, o jornal foi publicado em duas edições. O destaque da segunda edição foi o seguinte:

"Preso na Marinha Gregório Fortunato

(...) o capanga foi enviado ao Hospital Central da Marinha, na Ilha de Cobras, alegando problemas cardíacos - Elementos ligados à Getúlio tentam quebrar incomunicabilidade”.

Dia 17:

“Climério preso no Galeão
Climério Euribes de Oliveira (...) já está preso e incomunicável no Galeão. A sua prisão verificou-se por volta das 9 horas de hoje, em Tinguá, localidade próxima à Nova Iguaçu, depois de uma caçada sem tréguas que durou mais de 20 horas.

(...)

Saíra ontem de casa para comprar cigarros. Vendo forças da Aeronáutica, não voltou à casa de Oscar [um amigo que lhe cedeu abrigo], procurando abrigar-se na mata”.

Além desse fato, a *Tribuna da Imprensa* do dia 17 publicou, pela primeira vez, um trecho de um artigo publicado no *Times*, de Nova York, sobre o governo Vargas. Conforme estudado anteriormente, não só Lacerda, mas também grupos internacionais, tinham interesse em precipitar a queda Vargas. Pelo artigo, isso fica bem explícito:

“Getúlio Vargas tem constituído, certamente, uma profunda desilusão desde que foi eleito pelo voto popular, em 03 de outubro de 1950. O melhor que se tem a dizer dele é que não tem feito nada. O pior é que tem posto frente a frente grupos e indivíduos para atingir seus próprios propósitos políticos”.

Dia 18:

As investigações começam a chegar a conclusões mais sólidas:

“Foi a mando de Lutero Vargas

Abigail, mulher de Alcino, afirma que recebeu esse recado do pistoleiro Soares, se os autores fossem descobertos - (...)"

Dia 19:

A capa do dia 19 merece destaque especial porque mostra, em pleno campo de guerra, um conflito entre *Tribuna da Imprensa X Última Hora*. A *Tribuna* mostra uma manchete publicada pela *Última Hora*, no dia anterior, cuja manchete fora: "O povo quer saber o segredo de Climério".

Na matéria, o Catete acusa o Galeão de "Cortina de Ferro", levantando a hipótese de tortura no local. O jornal de Wainer acusa a *Tribuna da Imprensa* de se transformar em DIP e em fazer "um plano sinistro de exacerbação emocional do povo".

Em resposta a esta matéria, Lacerda se defende ao lembrar que o DIP foi criado pelo próprio Vargas. Quanto à exacerbação emocional, Lacerda afirma que o povo, por si mesmo, já estaria revoltado com a sucessão de crimes e escândalos praticados pela administração.

O mais curioso é que o comentário descrito acima estava situado logo abaixo da seguinte manchete:

"Elogio ao tratamento recebido na Aeronáutica
'Estou comendo peru'- disse Valente - Dormindo em colchão de molas, o motorista Nelson Raimundo não quer sair da base do Galeão".

Dia 20:

No dia 20, foi noticiada a prisão de Soares, o único assassino que ainda não estava detido. Além da notícia sobre a prisão, a capa também trouxe estampada a manchete "Lutero foi a fôrça que armou o braço de Alcino". O pistoleiro confessa que o dinheiro veio de Lutero e que a cilada contra Lacerda havia falhado em três ocasiões anteriores. Alcino também afirmou que ouviu de Lutero que Lacerda precisava ser morto porque falava muito de política e contra o PTB.

Lacerda publicou, no canto esquerdo do alto da 1ª página, uma carta enviada por José Adil de Oliveira, coronel aviador, encarregado do Inquérito Policial Militar, na qual reconhece a culpa do Catete no atentado. Embaixo da carta, Lacerda escreve sobre o coronel:

"Graças a Deus não tive dúvida sobre a honradez e integridade deste homem.

(...)

Aí está a prova de que eu tinha razão.

O crime é do Catete.

Falta agora expulsar Vargas do Catete".

Dias 21 e 22:

"Tensa a situação político militar
Agravaram-se os acontecimentos na tarde de ontem -
Reunido às pressas o Alto Comando do Exército - (...)"

A manchete remete à matéria que fala sobre a nota oficial expedida pelo Alto Comando do Exército e ministros da Guerra, Marinha e Aeronáutica. O documento afirma a responsabilidade das Forças Armadas de manter a ordem, a

disciplina e a integridade da Constituição. Na ocasião, todos estes representantes decidiram que se oporiam com firmeza a tudo que se apresentasse contra esses princípios.

Dia 23:

A manchete "Agrava-se a crise militar com a decisão de Vargas" já adiantava, de alguma forma, o desfecho desta história. A decisão de Vargas estava estampada na capa da *Última Hora*, do mesmo dia: "Só morto sairei do Catete".

Dia 24:

Na manhã de 24 de agosto, a capa da *Tribuna da Imprensa*, com letras garrafais e uma foto de Getúlio, soltou a bomba:

"SUICIDOU-SE GETÚLIO VARGAS
Desfechou um tiro no coração - O suicídio ocorreu em seus aposentos particulares - O médico da assistência nada pôde fazer - O general Caiado de Castro desmaiou ao ouvir o disparo - Zenóbio proibido de entrar no Palácio do Catete".

As publicações de repúdio ao governo geralmente eram publicadas nas páginas dois e três do periódico. Elas certamente tiveram grande influência no período, já que serviam como reforço ao mesmo objetivo de Lacerda: a deposição de Vargas.

Dias 07 e 08:

Na página 3, foram veiculadas as seguintes matérias:

"Vereadores de todos os partidos manifestaram, ontem, na Câmara, a sua repulsa ao atentado sofrido pelo

jornalista Carlos Lacerda. A maioria dos oradores denunciou o governo como responsável pelo episódio sangrento da Rua Toneleros”.

Trecho de discurso proferido pelo deputado Aliomar Baleeiro, publicado na 3ª página:

“(...) Tudo isto nos coloca diante de algo terrível que nos pode suceder de um momento para o outro. E o responsável pelas causas remotas e próximas é o presidente da República. Ele tem sido o autor principal de todos os dramas e tragédias que a Nação sofre há 24 anos. Agora, já no apagar das luzes da vida (sua vida física e não apenas política), deve ter piedade deste país”.

Na página 8, Manifesto dos Acadêmicos de Direito da Universidade do Distrito Federal:

“Pesa sobre o governo a mais grave das suspeitas: a de buscar a eliminação dos inimigos, armando o braço dos sicários, com a audácia e a certeza da impunidade”.

Dia 09:

Posicionamento do Exército, publicado na página 3:

“O Exército exige a punição do criminoso
Declaração do Ministro da Guerra (general Zenóbio da Costa) à TRIBUNA DA IMPRENSA - Esteve com Getúlio ontem, no Catete - Transmitiu o pensamento dos seus camaradas - ‘Seja quem fôr, o assassino será punido’ - 30 mil homens de prontidão”.

Pela primeira vez desde o atentado o jornal abriu um espaço favorável a Getúlio, na página 3:

“A impunidade seria prejudicial ao Governo
‘O governo é o maior interessado em esclarecer o atentado contra seu maior adversário’ - declarou-nos ontem à noite o líder da maioria, deputado Gustavo Capanema. ‘A impunidade e a não identificação do criminoso só seriam prejudiciais ao governo. O

presidente da República reiterou-me a firme convicção de que este crime não ficará sem punição'".

Na página 4, mais repúdio a Getúlio:

" 'O apoio a Getúlio é a pior recomendação para um candidato junto à opinião pública, neste momento'- afirmou o deputado Aliomar Baleeiro na entrevista que nos concedeu, ontem, sobre a posição da UDN na sucessão baiana".

Dia 10:

A oposição mostra-se cada vez mais acirrada, de acordo com matéria publicada na página 3:

" O afastamento, a licença ou a renúncia do sr. Getúlio Vargas foi exigida ontem, na Câmara, por duas das mais autorizadas vozes da oposição: os deputados Afonso Arinos e Aliomar Baleeiro (...)".

Em matéria sobre uma reunião realizada no Clube da Lanterna, ocasião em que foi feita uma homenagem ao major Vaz, Odilon Braga, através de discurso, pede a renúncia de Vargas. A matéria foi publicada na página 8:

"Se o sr. Getúlio Vargas atendesse a um último apêlo de um antigo companheiro, eu lhe diria: renuncie. Renuncie para que no fim da vida possa ainda fazer jus a uma réstia de respeito do povo. Não permaneça, neste fim de govêrno, como uma triste e inespressiva sombra'".

Dia 11:

Na página 3, os parlamentares mostravam que, mesmo não havendo deposição ou renúncia oficiais, as circunstâncias não faziam parecer que Getúlio ainda era o dono do poder:

"Getúlio Vargas virtualmente deposto há 48 horas
O deputado José Bonifácio sustentou que a Nação está
sem chefe há vários dias. E mostrou quatro sintomas:

1. A dissolução da guarda pessoal;
2. A inscrição colocada por oficiais na coroa de flores do major Vaz, em que convidava o governo a renunciar;
3. A submissão do presidente da República à diligência que se realizou dentro de sua própria casa;
4. A disposição dos oficiais da Aeronáutica de ir, no curso das diligências, até onde a polícia não quisesse ou não pudesse".

Também foi publicada uma matéria com o título "Oficiais das Forças Armadas pedem a deposição de Getúlio". O tema foi uma reunião em que foram discutidas a deposição de Vargas e a prisão de Lutero. Na página 8, forte oposição a Getúlio.

"A destituição do sr. Getúlio Vargas (...) foi tese defendida ontem à noite por numerosos oficiais da Aeronáutica, do Exército e da Marinha, na reunião dos sócios do Clube da Aeronáutica, em homenagem ao major Rubens Florentino Vaz. Quase dois mil oficiais das Forças Armadas, na presença de quase todos os generais da Aeronáutica, inclusive o brigadeiro Eduardo Gomes, que foi aclamado como 'chefe inconstestável', reafirmaram o seu propósito de capturar e punir os autores materiais e intelectuais do atentado da rua Toneleros".

Dia 12:

Na 3ª página, o posicionamento dos estudantes:

"Exigem os estudantes paulistas a renúncia do grande corruptor

'Vargas, podre para governar' - 'Ou renúncia ou deposição pelas armas!' - 'É preciso ter alma de escravo para tolerar os crimes de Getúlio".

Dia 16:

Os paulistanos mostram repúdio a Vargas, em matéria publicada na página 08.

" São Paulo, unido, pede a renúncia de Vargas
Assembléia, Câmara, partidos, jornais, estudantes,
engenheiros e várias entidades exigem a entrega do
poder".

Matérias como essa eram muito comuns na *Tribuna da
Imprensa*. Elas fogem do convencional, já que não há um fato
isolado a ser escrito e investigado. Na verdade, elas consistiam
em várias declarações isoladas, com posicionamentos de diferentes
grupos. Era uma arma que Lacerda utilizava para mostrar que, a
cada dia, ele conquistava mais adeptos.

Dia 17:

Na 3ª página, o jornal publica matéria de grupos que
apoiavam Vargas:

"Começou a defesa do Gôverno na Câmara
O deputado Vieira Lins começou, ontem, na Câmara, a
defesa (...). Acusou a oposição de fazer demagogia e
disse que o deputado Afonso Arinos parecia mais um
promotor de Justiça que um líder numa assembléia
política".

Na página 6, a matéria com o título "O Catete deu CR\$
50 mil para a fuga de Soares" fala sobre a confissão de Valente,
revelando que recebeu a quantia para dar fuga a Soares, logo que
soube da denúncia contra Climério.

Dia 18:

Apesar de ter explicitado grupos de apoio ao governo,
no dia 17, o assunto volta à tona para denunciar o fracasso da

defesa do governo Vargas. Capanema teve seu discurso denominado como "longo, esforçado, mas vazio".

Dia 23:

A esta altura, ferviam os ânimos da Nação. Em São Paulo, os estudantes paulistas organizam passeata rumo ao Catete. Para eles, a renúncia já tinha data marcada: 25 de agosto. Cerca de duas mil pessoas participaram da reunião que definiu a data do movimento. No comando, Lacerda, que discursou para os estudantes na Academia do largo São Francisco.

A matéria publicada na página quatro demonstra perfeitamente o clima de indecisão que imperou naquele dia:

"Os brigadeiros reunidos
Decisão unânime: renúncia de Vargas
Noite agitada no país inteiro - Intensa movimentação nos círculos militares - (...) - Isolado o Catete por um pelotão da Polícia do Exército - (...) - Café Filho propõe a Vargas a renúncia de ambos (...) - Prontidão rigorosa nas Forças Armadas e na Polícia - (...) - Os fatos e os boatos".

Os artigos de Lacerda foram, sem dúvida, o espaço onde mais se fez demagogia acerca do atentado da rua Tonelero. Representaram, também, o espaço em que Lacerda pode mostrar toda sua desenvoltura política e jornalista.

Dias 07 e 08:

"Advertência ao povo sôbre os rumos do inquérito
O inquérito começou mal. O Ministro da Justiça declarou que me mandara o nome de dois delegados (...) para que eu escolhesse.

(...)

Ora, isso é uma mentira.

(...)

É grave que um inquérito de tal natureza comece com uma mentira do Ministro da Justiça (...). outro sintoma gravíssimo é o que eu passo a descrever.

Foi levantada pela polícia e pelo próprio delegado (...) a hipótese de que eu fôra o assassino de Major Vaz. (...)

É preciso que se diga claramente que a suspeita da vítima sobrevivente, como seria a do herói sacrificado, como é a do povo inteiro do Brasil, recai sobre o governo como um todo, faltando apenas especificar quais dos seus agentes tiveram participação direta no atentado. (...) Não somos o povo de idiotas e ingênuos que o sr. Getúlio Vargas supõe. (...) O governo tem de admitir que é no seu seio que se encontram, pelo menos, pessoas passíveis da suspeição de serem autores do crime”.

Dia 09:

“(...) o sr. Getúlio Vargas não é mais autoridade legítima desde o momento em que se descobriu que gente sua é autora de atentado da rua Toneleros. Há realmente a cruel alternativa que resta ao Presidente da República: entregar imediatamente à Justiça o seu criminoso. (...) engane-se quem quiser com a funda preocupação do sr. Getúlio Vargas.”

Dia 11:

“Presidente da República: renuncie à Presidência para salvar a República
(...) À Getúlio Vargas dirijo, de todo coração, um apêlo supremo:
- PRESIDENTE DA REPÚBLICA: RENUNCIE À PRESIDÊNCIA PARA SALVAR A REPÚBLICA.
GETÚLIO VARGAS: DEIXA O PODER PARA QUE O TEU PAÍS, QUE É O NOSSO PAÍS, POSSA RESPIRAR NOS DIAS DE PAZ QUE OS TEUS LHES ROUBARAM.
SAI DO PODER, GETÚLIO VARGAS, SE QUERES AINDA MERECEER ALGUM RESPEITO COMO CRIATURA HUMANA, JÁ QUE PERDESTES O DIREITO DE SER ACATADO COMO CHEFE DE GOVERNO.”

Dia 16:

Lacerda comenta sobre a ocasião em que Lutero se apresentou para depor:

"(...)A 'espontaneidade' de sua apresentação foi uma manobra com a qual Getúlio Vargas está entregando os anéis para salvar os dedos. O que ele quer é ganhar tempo. Tempo útil à impunidade do crime. Tempo precioso para o restabelecimento da paz e da segurança entre os brasileiros(...)".

Depois de um mês de duros ataques, o caso chegou a um desfecho bem diferente do desejado. O tiro no coração deu ares de verdade à manchete publicada no dia anterior, pela *Última Hora*, quando Vargas afirmou que só morto sairia do Catete.

O suicídio de Getúlio desatou uma onda de comoção popular (muito diferente daquela planejada por Lacerda) e, diante de um povo desesperado pela perda do líder, os militares tiveram que esperar por mais dez anos para aplicar o golpe, que renderia 21 anos de ditadura ao país.

No dia 25 de agosto a *Tribuna* não circulou. A população, irada com o suicídio de Vargas, depredou o jornal, assim como todos os outros veículos de oposição, acusando-os de serem os causadores da morte de Vargas.

3.2 - A HIPÓTESE DA *AGENDA SETTING* E O JORNALISMO DE CARLOS LACERDA

A hipótese da *Agenda Setting*, formulada a partir do final dos anos 60 pelos professores Maxwell E. McCombs e Donald L. Shaw, consiste, em linhas gerais, na constatação de que o grande poder da mídia não está na capacidade de inculcar seus pontos de vista aos receptores de suas mensagens, mas sim na capacidade dos meios em obrigarem a sociedade a tratar certos assuntos como relevantes, colocando-os na agenda pública.

A hipótese gira em torno do fato de a mídia fornecer às pessoas grande parte da realidade social, ou seja, a mídia constrói uma imagem de realidade que os sujeitos (individualmente) e a sociedade (coletivamente), aos poucos, vão internalizando como discussões relevantes.

Ao contrário do que afirmava a Teoria Hipodérmica, que defendia a imposição de pensamentos e idéias pela mídia perante a passividade do receptor, a hipótese da *Agenda* defende que os meios de comunicação, a médio e longo prazo, influenciam não tanto o que o receptor pensará, mas sobre o que ele será obrigado a pensar e falar. De acordo com os assuntos agendados pela abordagem da mídia, o público termina por incluí-los em sua agenda pessoal.

Ao se analisar a atuação da imprensa durante o segundo governo de Vargas, a conclusão mais óbvia seria a de que, se dependesse dos jornalistas, seu mito desabaria ali. Sendo a grande maioria dos veículos de cunho oposicionista, ficaria

difícil fixar uma imagem positiva do presidente na cabeça das pessoas, como acontecia nos tempos do DIP.

A imprensa tornou-se ainda mais oposicionista a partir do atentado da Rua Tonelero, ocasião em que as evidências contra o presidente ficaram tão explícitas que se tornou difícil defendê-lo.

Ao mesmo tempo, desconstruir a imagem de Getúlio também não seria uma tarefa fácil, devido ao grande carisma popular que o líder demonstrava ter, além da trajetória e realizações que marcaram o inconsciente coletivo por tanto tempo. Prova de que a maciça cobertura contrária da imprensa não foi capaz de apagar o mito é que, após o suicídio, a mesma massa que clamava pela renúncia depredava os jornais de oposição. Os veículos obrigaram a população a discutir o governo Vargas, mas não foram capazes de abalar a profunda sintonia que ligava o líder a certos segmentos sociais.

Ao analisar o jornalismo de Carlos Lacerda, o personagem mais explícito de toda oposição feita a Vargas, podem ser identificados elementos da hipótese da *Agenda* que, àquela época, ainda nem havia sido formulada.

São vários os pressupostos da hipótese de agendamento e, dentre os principais, é possível identificar elementos nas matérias publicadas pela *Tribuna da Imprensa*, no período anteriormente estudado.

A *Agenda* defende que o receptor é influenciado pela mídia a médio e longo prazo, o processo não se dá de uma hora para a outra. Lacerda não iniciou seus ataques a Getúlio somente a partir de 05 de agosto de 1954. A briga é tão antiga que o jornalista quis impedir a posse do presidente, já em 1951.

Como o jornalista não mudou sua linha de opinião e, após o atentado, apenas aumentou o fluxo de informações contrárias ao governo (o que se encaixa no conceito de efeito enciclopédia, que sugere ser o acúmulo um dos fatores que levam certos temas à agenda da sociedade), todas as denúncias feitas anteriormente a Getúlio passaram, com o atentado, a ter uma base mais sólida. O desenrolar dos fatos, somado ao efeito enciclopédia, pôde atrair mais leitores para Lacerda.

O agendamento também é mais eficiente quando há alto nível de percepção de relevância e um grau de incerteza sobre o assunto. Campo perfeito para Lacerda, que explorou, com seu jornalismo, um assunto de indiscutível interesse nacional e com desdobramentos que atiçavam a curiosidade da população. Manchetes como "Eis os assassinos falta o mandante", davam ao caso ares de telenovela, ou seja, o que vai acontecer amanhã? O assassino será descoberto?

O pesquisador brasileiro Clóvis de Barros Filho, citado por Hohlfeldt (19--: p.201), tem divulgado novos estudos em torno da hipótese da *Agenda*. Ele trabalha alguns conceitos básicos, que

também podem ser aplicados no jornalismo exercido por Carlos Lacerda em 1954, tais quais se seguem abaixo:

Acumulação: "capacidade que a mídia tem de dar relevância a determinado tema, destacando-o do imenso conjunto de acontecimentos diários". Durante todo o período pesquisado, Lacerda deu relevância ao atentado e sua investigação. Mesmo quando não havia um acontecimento novo, que servisse como manchete, Lacerda usava seus próprios artigos como tal.

Time-lag: "intervalo decorrente entre o período de levantamento da agenda da mídia e da agenda do receptor", isto é, o efeito de influência causado no receptor se dá com algum atraso. Uma frase de Lacerda, publicada em seu artigo no dia 06 de agosto, mostra muito bem esse fenômeno. Ele escreveu: "de acordo com as nossas idéias (...) estão hoje todos os brasileiros - à exceção dos tolos e dos tratantes (...)", ou seja, em face do atentado, as posições que Lacerda defendera por muito tempo solitariamente agora passariam a ser encampadas por todos os brasileiros.

Tematização: procedimento ligado à centralidade, capacidade de dar destaque necessário, de modo a chamar a atenção. A primeira manchete da *Tribuna*, no dia 05 de agosto: "A NAÇÃO EXIGE O NOME DOS ASSASSINOS", foi a primeira das várias outras que insistiram, por 20 dias seguidos, no mesmo tema.

Focalização: é a contextualização de determinado assunto pela mídia. Lacerda não só tematizou como também contextualizou o atentado. Isso porque, além das matérias relacionadas aos desdobramentos das investigações, ele também explorou diversas manifestações contrárias ao governo. A 3ª página, por exemplo, foi inteiramente dedicada aos discursos de parlamentares e militares, que pediam a renúncia de Vargas.

Lacerda conseguiu, durante os 20 dias que compreenderam o atentado e o suicídio de Vargas, fazer com que suas matérias fizessem parte da realidade das pessoas. No entanto, a situação naturalmente era algo que não podia estar desvinculada ao dia-a-dia das mesmas, devido ao alto grau de gravidade e envolvimento social.

Mesmo com todo o esforço do jornalista, o incidente da depredação dos jornais oposicionistas, logo após o suicídio, leva à seguinte conclusão: a propaganda realizada pelo DIP durante o primeiro governo de Getúlio talvez tenha sido tão eficiente que o mito Vargas não desmoronaria apenas porque os dias finais de seu governo democrático foram marcados por uma agenda profundamente negativa.

CONCLUSÃO

A manhã do dia 24 de agosto de 1954 talvez tenha sido a mais tumultuada de toda a história da República brasileira. De dez em dez minutos as rádios anunciavam a carta-testamento, tão

cheia de comoção, chegando mesmo a parecer algo escrito de pai para filho.

“Lutei contra a espoliação do Brasil. Lutei contra a espoliação do povo. Tenho lutado de peito aberto. O ódio, as infâmias, a calúnia não abateram meu ânimo. Eu vos dei a minha vida. Agora ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na História”. (KOIFMAN:2002, p.414).

Mas era essa a imagem que Vargas, o presidente que por mais tempo governou o Brasil, tentou passar durante toda a sua trajetória política. Defensor dos fracos e humildes, “Pai dos Pobres”, o presidente que conquistou a classe trabalhadora, mesmo morto, conseguiu conduzi-la, com a multidão o acompanhando a pé até o aeroporto Santos Dumont, onde o corpo embarcaria para São Borja.

Em sua cidade natal, o cemitério foi pequeno para conter a multidão que queria dar adeus ao mais ilustre de seus filhos. A revolta popular em São Borja só não teve maiores proporções porque, ao ouvir a notícia do suicídio de Vargas, o coração de Alda, irmã da primeira dama Darci Vargas, não suportou.

No Rio de Janeiro, capital federal e berço das mais visíveis manifestações populares, o clima era tenso. Filho (1999:p.158) descreve que “uma verdadeira maré humana concentrou-se em frente ao Catete, gritando *Morra Lacerda*”. Jornais, rádios

e todos os veículos de oposição foram depredados pela fúria da população, que acabara de perder o seu líder.

Mas, como explicar tamanha influência exercida por Vargas? Como explicar sua influência viva mesmo 50 anos após sua morte?

Sua liderança pode, por um lado, ser explicada por sua trajetória política. Primeiro, impediu que a crise de Nova York causasse mais transtornos ao Brasil, industrializando o país. Formou-se uma nova classe, cada dia mais crescente: os operários. Vargas criou leis que os beneficiassem e a população deixou de ser caso de polícia. Para evitar uma revolução, criou-se uma Constituição e seu governo foi legitimado.

Mas significativa parte de seu poder não decorreu das ações de seus governos, e sim de sua capacidade de manipulação simbólica. Desde o início, investiu em propaganda, intensificando-a quando impôs seu poder, com a criação do Estado Novo, a partir da poderosa arma chamada DIP.

Àquela altura Vargas já era visto, pela grande maioria do povo operário como "Pai dos Pobres" e, estando ali para protegê-lo, sua presença era indispensável. O DIP foi importante para manter essa imagem sempre em evidência.

Getúlio viveu um período da história repleto de governantes carismáticos e autoritários, mas ao contrário de muitos deles deixou um legado que continua sendo louvado por

parcelas significativas da população (ao contrário de Hitler ou Mussolini). Deposto, Vargas se recolheu a São Borja para, mais tarde, voltar como "líder das massas" em uma votação esmagadora. Bombardeado por todos os lados o líder, que parecia derrotado, deu o tiro que parou não só seu coração, mas também todo o Brasil.

O tiro no coração de Vargas foi algo tão inesperado e impactante que deixou o cenário político em estado de catarse. Num momento em que as Forças Armadas estavam avançando o poder, o incidente mudou toda a história adiando, em 10 anos, o golpe militar.

Vargas deu o tiro de misericórdia. Com ele, tornou-se um herói nacional que, como ele mesmo descreve em sua carta-testamento, entrega o próprio sangue em favor da Nação. Tanto as realizações de seu governo, quanto o desfecho da história, fazem a imagem de Vargas perdurar até hoje na sociedade brasileira.

Mas, até que ponto sua influência ainda se faz presente no Brasil? Ao tomar posse, em 1995, o presidente Fernando Henrique Cardoso afirmou que, a partir daquele momento, estaria enterrando a Era Vargas. Em entrevista concedida à Folha de São Paulo, o sociólogo Francisco de Oliveira avalia como pretensiosa a posição de FHC. Oliveira (FOLHA DE SÃO PAULO:2004, especial A1) culpa o neoliberalismo de excluir a classe trabalhadora da política.

Camargo (FOLHA DE SÃO PAULO:2004, ESPECIAL A8) defende que Vargas soube "elaborar e construir como ninguém estratégias de fortalecimento nacional por meio das mais audaciosas e complexas costuras de acordo político". A socióloga acredita que atualmente existe uma orfandade do povo brasileiro em relação a esses líderes.

As ocasiões em que Vargas se dirigia ao povo demonstram uma de suas principais características: seu estrategismo. Como político, sempre preocupou na composição de uma imagem favorável a seus governos e, em especial, a ele mesmo.

O trabalho em torno da imagem de Vargas, realizada pelo DIP, não esteve presente, no entanto, em seu segundo governo. Maranhão (2004:p.81) cita o depoimento de Rômulo Almeida, chefe da Assessoria Econômica de Vargas, que declarou, décadas depois do suicídio do presidente, que este foi um dos grandes erros de Getúlio:

"(...) a grande contradição, para um governo desejoso de comunicação direta com a massa, foi não usar os instrumentos publicitários, com exceção do modesto apoio do *Última Hora* e das rádios do governo. Vargas foi vítima do uso da mídia contra ele. A conspiração de 1954 foi em grande parte uma obra-prima de manipulação dos meios de comunicação".

No entanto, mesmo sem propaganda política oficial e atacado ferozmente pela imprensa, Vargas realizou como seu último ato, a maior de todas as propagandas de sua vida: o tiro que

parou seu coração mas, ao mesmo tempo, teve a verdadeira função de eternizar seu mito no inconsciente brasileiro.

Sua carta testamento, relida durante todo o dia 24, foi um apelo dramático em torno de seu sacrifício de derramar o próprio sangue em favor de seu povo. Embora haja especulações em torno da autoria da última parte da carta, seja quem tenha sido o autor, a previsão foi certa. Getúlio prometeu e cumpriu: saiu da vida para entrar na história.

ANEXOS

ANEXO A - CARTA DE GETÚLIO PUBLICADA NO PRIMEIRO NÚMERO DE ÚLTIMA
HORA

"Prezado amigo Samuel Wainer,

Venho agradecer-lhe a carta que me enviou e na qual me comunica o próximo lançamento de seu jornal "A Última Hora". Fazendo fotos pelo completo êxito desse empreendimento, que há de constituir, por certo, um novo marco de progresso na imprensa brasileira, aprez-me dizer-lhe que muito espero de um jornalista do seu valor, sereno, inteligente, objetivo, sempre capaz de bem escolher os assuntos, expô-los com clareza, simplicidade e elegância, sentindo o que diz e sabendo dizer o que sente. Na realidade, gosto de ser interpretado, combatido, discutido ou louvado por espíritos isentos e desinteressados que sabem enaltecer, nos homens públicos, os atos merecedores de elogios, criticar, quando são reprováveis ou errôneos.

Quem quer que exerça uma parcela de atividade pública aprecia sempre a crítica de imprensa, quanto esta se faz com lealdade e com o propósito sincero de esclarecer, ou corrigir. O que nos fere é desleal e mal intencionada deturpação dos fatos, é o premeditado silêncio quando algo existe que merece incitamento e louvor. Há os que confinam o exercício da profissão à prática dum sacerdócio. Mas existem também, como exceções deprimentes e irreconciliáveis com o nosso ambiente político, os que fazem da imprensa um instrumento suspeito de mercantilismo e de venalidade, os que se especializam na invectiva desabrida, os que

se abastardam na linguagem da intriga e da calúnia, os que deturpam os fatos ao sabor da sua imaginação pervertida e os que procuram confundir o bem geral com o faccionismo dos seus pendores e a estreiteza de seus interesses personalistas. Mas entre esses e o público já se levantou uma espécie de incompatibilidade irremediável e de quarentena moral. Não tem ascendência de opinião, e falhos de ética profissional, constituem elementos nocivos e influenciam perniciosas que o próprio organismo social expelle do seu seio por um instinto natural de defesa profilática. Doutro lado, os governantes ignoram fatos prejudiciais ao interêsse público, que só a crítica justa e honesta da imprensa numa verdadeira, útil e patriótica colaboração.

(...)

A maioria da imprensa, em suas linhas gerais e através dos seus órgãos mais representativos, sabe manter-se num nível superior de crítica objetiva, onde ressaltam a experiência, o equilíbrio e a penetração daqueles em cuja formação intelectual o amor à verdade e a dedicação à causa pública superam as paixões partidárias e as divergências pessoais. Assim compreendido e exercido, o jornalismo desempenha uma grande missão social, que é a de esclarecer e orientar a opinião pública, auxiliando eficientemente o Govêrno na sua tarefa quotidiana de bem servir às necessidades e aspirações populares. Criadora, estimuladora,

esclarecedora deve ser sempre a função primacial da imprensa livre. E dessa imprensa necessita o Govêrno, hoje mais do que nunca. (...)

Como homem público, sempre busquei o contacto com essa imprensa imparcial e construtiva e encontrei na crítica serena e honesta a colaboração desinteressada e amiga, que esclarece, revela, corrige, completa e sugere soluções e diretivas. É por isso que recebo com satisfação a notícia do aparecimento de um novo jornal, para cuja orientação elevada e patriótica o espírito de seu fundador constitui garantia eficiente e motivo bastante de confiança e de contentamento. Que êle saiba exprimir com fidelidade e elevação as tendências da opinião pública e colaborar, através de uma crítica bem intencionada e construtiva, na solução dos nossos problemas - são os meus votos mais sinceros. Cordialmente, Getúlio Vargas". (WAINER: 1987, p. 2 [anexos]).

ANEXO B - MANCHETE DO JORNAL *ÚLTIMA HORA*, DO DIA 24 DE AGOSTO DE 1954. (*Revista História Viva*, nº 4, agosto de 2004, p. 84).

ANEXO C - TRECHO DA CARTA-TESTAMENTO DE GETÚLIO VARGAS.

"Mais uma vez, as forças e os interesses contra o povo coordenaram-se novamente e se desencandeiam sobre mim.

Não me acusam, insultam; não me combatem, caluniam e não me dão do direito de defesa. Precisam sufocar a minha voz e impedir a minha ação, para que eu não continue a defender, como sempre defendi, o povo e principalmente os humildes. (...)

Tenho lutado mês a mês, dia a dia, hora a hora, resistindo a uma pressão constante, incessante, tudo suportando em silêncio, tudo esquecendo a mim mesmo, para defender o povo que agora se queda desamparado. Nada mais vos posso dar a não ser meu sangue. Se as aves da rapina querem o sangue de alguém, querem continuar sugando o povo brasileiro, eu ofereço em holocausto a minha vida. (...) Meu sacrifício vos manterá unidos e meu nome será a vossa bandeira de luta. Cada gota do meu sangue será uma chama imortal na vossa consciência e manterá a vibração sagrada para a resistência. Ao ódio respondo com o perdão. E aos que pensam que me derrotaram respondo com a minha vitória. Era escravo do povo e hoje me liberto para a vida eterna. (...)

Lutei contra a espoliação do Brasil. Lutei contra a espoliação do povo. Tenho lutado de peito aberto. O ódio, as infâmias, a calúnia não abateram o meu ânimo. Eu vos dei a minha vida. Agora ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na história".

ANEXO D - "O QUE ELES PENSAM SOBRE GETÚLIO"

"Getúlio foi líder, foi controvertido, foi enigmático, foi surpreendente e, apesar de sempre ter contado com o apoio inequívoco dos mais desprotegidos, jamais conviveu com a vulgaridade".

Bóris Fausto, historiador. (KOIFMAN: 2002, P.359)

"Getúlio Vargas foi um habilíssimo negociador, e negociou a entrada do Brasil na Segunda Guerra de maneira a conseguir vantagens econômicas para o país. Mas que sua primeira inclinação era o fascismo, disso não há dúvida."

Maria Victoria Benevides, historiadora. (KOIFMAN: 2002, P.359)

"O suicídio foi, digamos, a grande vingança que Getúlio fe: de repente, virou a grande vítima".

Sandra Cavalcanti, política. (KOIFMAN: 2002, P.415)

"Getúlio soube sonhar com os pés no chão, sem o que não se chega a lugar nenhum".

Fernando Henrique Cardoso, sociólogo e ex-presidente do Brasil.

(Revista Exame, nº16, agosto de 2004, p.41)

"Getúlio contrariava todos os nossos padrões, todos os nossos hábitos, todas as nossas maneiras de nos aproximarmos da realidade do país. Eu sempre fui de opinião que Getúlio lutava pelos direitos sociais como maneira de manter o seu poder pessoal. O getulismo é o contrário de tudo o que eu acredito em matéria de política."

Afonso Arinos, deputado federal em Minas (1947-1959), um dos fundadores da UDN, principal partido de oposição à Getúlio.

(LIMA:1986, P.193)

"O suicídio não foi uma derrota. Foi um ato de heroísmo".

João Cleofas, ministro da Agricultura de Vargas (1951-1954)

(LIMA: 1986, p.265)

"A impressão que papai me deixou é de que ele era um bloco monolítico, que a gente não conseguia penetrar por mais que quisesse.(...) Ele foi chamado de tudo na vida. Ditador, nazista, integralista, o diabo...Populista...Mais tarde, comunista.

Realmente, ele não foi nada disso. Quando um homem é chamado de tudo, é porque não é, não está marcado por nenhuma facção”.

Alzira Vargas do Amaral Peixoto, filha. (LIMA: 1986, P.269).

ANEXO E - GLOSSÁRIO

- Revolução de 30: representou a queda da República do Café com Leite. Depois da vitória forjada de Júlio Prestes e da continuidade de São Paulo no poder, a população se revoltou com a quebra da tradição política. Esta revolta acentuou-se ainda mais com o assassinato de João Pessoa, presidente da Paraíba e vice de Vargas. O contexto político e social foram favoráveis para a ascensão de Vargas e para a queda da oligarquia rural vigente na época.
- Revolução Constitucionalista de São Paulo (1932): movimento de reação ao governo Vargas e resposta à Revolução de 30. Como Vargas assumiu o poder em 1930 e se mostrou pouco entusiasmado em promulgar uma nova Constituição, os paulistas, principal fonte de oposição a Vargas, reivindicavam uma “normalização democrática” através do constitucionalismo. A movimentação, porém, deteve-se basicamente em São Paulo e teve mais participação da classe média do que do proletariado urbano e trabalhadores rurais que permaneceram, grosso modo, alheios ao movimento.

